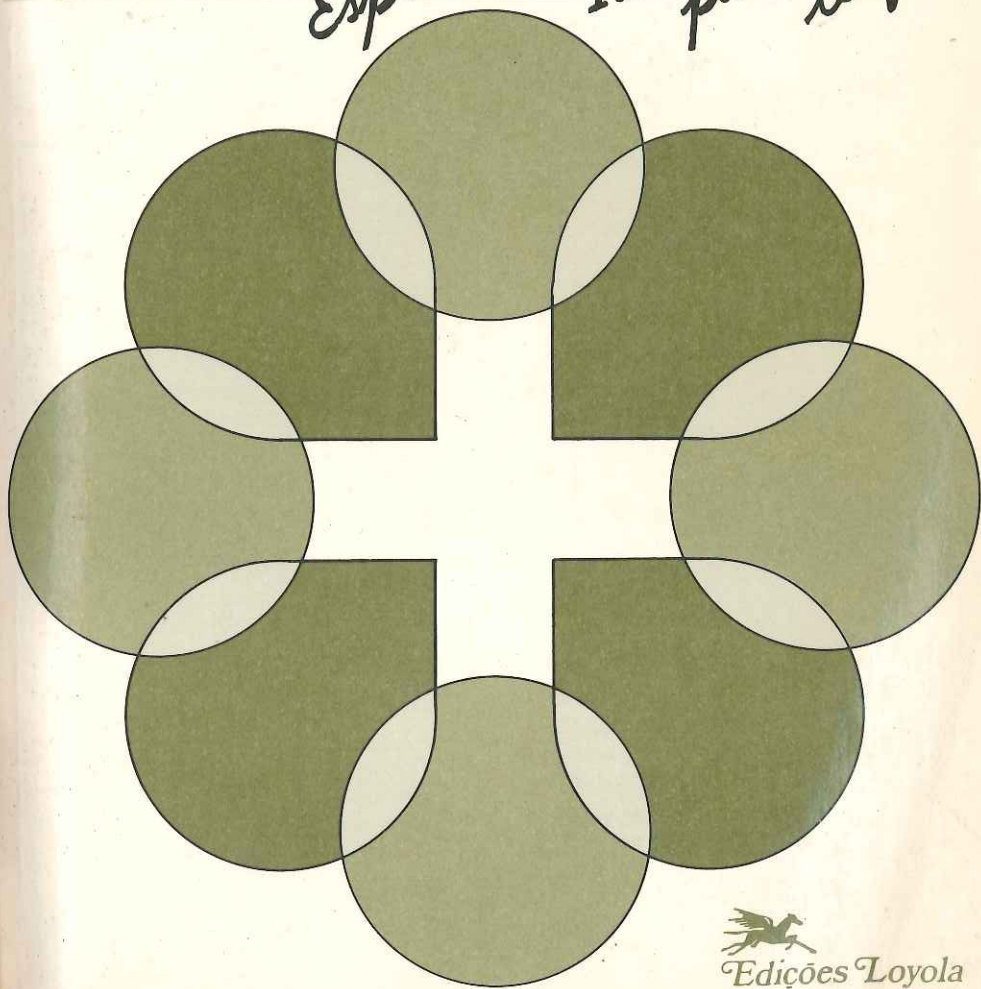


COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ

(CVX)

*Espiritualidade
Inaciana
para leigos*




Edições Loyola

CEFERINO GARCÍA, S. J.

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ (CVX)

CEFERINO GARCÍA, S.J.

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ (CVX)

ESPIRITUALIDADE INACIANA
PARA LEIGOS



Edições Loyola

Título original

Comunidades de vida cristiana (CVX). Espiritualidad ignaciana para laicos

© Editorial Sal Terrae, Santander, 1986

Tradução

Jesús Hortal, S.J.

Revisão

Marcos Marcionilo

Jonas Pereira dos Santos

Capa

Bida

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347

Caixa Postal 42.335

04216 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (011) 914-1922

© EDIÇÕES LOYOLA — São Paulo, 1986

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. DESCRIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ (CVX)	9
1. Grupo estável de pessoas	9
2. De condição semelhante	12
3. São leigos que se sentem povo de Deus	13
4. Por isso, chamados a viver em comunidade	14
5. Para formar pessoas comprometidas no serviço do Reino de Deus	15
2. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA CVX	17
1. O caminho das CVX. Etapas	17
2. Descrição dessas etapas	19
3. Breve enumeração das etapas seguintes	33
4. O compromisso das CVX: opção de vida (vocação)	34
3. VIVÊNCIA PROFUNDA DE UMA CVX FORMADA	37
1. Comunidade que vive o espírito dos Exercícios	37
2. Para encontrar e aceitar a vontade de Deus (comunidade de discernimento)	38
3. A CVX, comunidade para a missão: o serviço	40
4. Comunidade de fé: integração, evangelho e vida	45
4. REUNIÕES DE UMA CVX	53
1. Tipos de reunião	53
2. Ambiente das reuniões	53
3. Objetivo das reuniões	54
4. Partes de uma reunião temática	54
5. A reunião de "revisão de vida"	58

5.	AS FUNÇÕES DENTRO DE UMA CVX	61
1.	O animador (acompanhante, assessor, guia, coordenador, responsável)	61
2.	O assessor eclesialístico (assistente)	65
6.	HISTÓRIA DAS CVX	71
1.	Os inícios	72
2.	Diminuição do espírito autêntico (1773-1922)	77
3.	Reação dos jesuítas (1922-1948)	80
4.	De Congregações Marianas a Comunidades de Vida Cristã	81

APRESENTAÇÃO

Torna-se difícil responder àqueles que perguntam: "O que são as CVX?" A resposta pode ficar tão resumida que não satisfaça; ou, pelo contrário, se quisermos dar uma resposta adequada, acabaremos por citar toda uma série de documentos — "Princípios gerais", "Survey", suplementos da revista Progressio etc. — que a pessoa a quem nos dirigimos não conhece ou não tem à mão. Todos sabemos a dificuldade que implica pretender conhecer algo daquilo que se encontra disperso em vários livros, e a insegurança que provoca em nós uma tal empresa: "Terei achado aquilo que é substancial?"

A fim de responder de um modo simples à pergunta inicial e evitar uma consulta a vários documentos, apresentamos este livro e, simultaneamente, oferecemos alguns trabalhos concretos, que nasceram da caminhada de algumas CVX. Pensamos que podem esclarecer alguns pontos ou servir de orientação àqueles que começam; para nós, já deram fruto, e de não pequeno valor: termos chegado a concretizar aquilo que vivemos, de tal modo que aqui se pode ver refletida a nossa experiência.

Através destas linhas, devemos dar graças a todos aqueles que caminharam à nossa frente e nos transmitiram sua sabedoria e sua experiência de muitos anos de vida cristã em comunidade. Eles são os avalistas daquilo que aqui ficou sintetizado.

Por isso, estas páginas podem servir para informar aos que não conhecem as CVX, mas também para aqueles que iniciam a sua caminhada em comunidade, como instrumento esclarecedor ou como sugestão para encontrarem sua própria identidade.

O Senhor e sua Mãe nos ajudem, a todos, a escrever com nossa vida uma resposta mais justa e completa que ajude todos os homens a descobrir aquilo que o nosso nome indica: que somos todos chamados a ser COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ.

1

DESCRIÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ (CVX)

Uma primeira aproximação ao conhecimento das CVX ser-nos-á dada por uma breve descrição, tomada dos seus Princípios Gerais.¹ Ela nos permitirá diferenciá-las de outras realidades semelhantes e indicar aquilo que as especifica.

Uma Comunidade de Vida Cristã é: "Um grupo estável de pessoas de condição semelhante, leigos, que se sentem povo de Deus. Por isso, chamados a viver em comunidade, para formarem pessoas comprometidas, a serviço do Reino de Deus".

1. GRUPO ESTÁVEL DE PESSOAS

Uma CVX é formada por oito a doze pessoas, que periodicamente se reúnem para tentar se ajudar uma às outras, a fim de realizar em sua vida cotidiana a integração entre teoria e prática da vida cristã.

1.1. As CVX são GRUPOS. Isso significa que existe um processo de formação, crescimento e maturação, comum a todos os grupos humanos, e com as mesmas leis que caracterizam qualquer grupo: divisão de papéis etc.

1. Os "Princípios Gerais da Federação Mundial das CVX" (confirmados pela santa Sé no dia 31 de maio de 1971), assim como os "Estatutos" da mesma Federação estão publicados pela Edições Loyola (Coleção Ignatiana n. 13).

1.2 Para que a dinâmica de um grupo seja tão viva e intensa quanto é necessário para uma CVX, costuma-se indicar que o *número ideal* de membros deve ser de oito a doze. Menos, seria empobrecer o grupo; mais, provoca um prolongamento das reuniões — se todos participam — ou reduz a comunicação, dificultando o conhecimento pessoal, ou permite a existência de pessoas que não participam de jeito nenhum, escondendo-se atrás do que os outros fazem.

De todas as formas, o número não é um dado rígido; em cada etapa de uma CVX, ver-se-á o que é mais conveniente, de acordo com as circunstâncias do grupo.

1.3. A *dinâmica* do grupo, como um todo, baseia-se no INTER-RELACIONAMENTO PESSOAL, que, por sua vez, se apóia na comunicação sincera e profunda. Esta característica acentua-se em toda CVX, pois o fim pretendido — “integração, na vida cotidiana de cada um de seus membros, entre teoria e prática da vida cristã” — não pode ser atingido senão pela manifestação sincera da própria pessoa: dos pensamentos e sentimentos íntimos e da forma concreta de compreender o Evangelho e as suas aplicações práticas ao comportamento diário de cada pessoa.

1.4. *Por esse motivo, são GRUPOS de ESCUTA*

De acordo com as necessidades de seus membros, os grupos podem pretender:

- a) esclarecimentos doutrinários, como instruções catecumenais, círculos bíblicos etc.;
- b) coordenar uma ação pastoral ou social de uma paróquia ou movimento;
- c) uma integração, ao nível pessoal, entre reflexão e ação.

1.4.1. O esclarecimento doutrinário exige um tipo de reunião dirigida para a discussão teórica, apresentação e solução de obscuridades e dificuldades, explicitação das relações que existem entre umas verdades e outras etc.; quer dizer, procura-se uma *iluminação da inteligência* ou dissipar as ignorâncias. São freqüentes nas comunidades catecumenais, pré-CVX, círculos bíblicos..., nos quais é preciso deixar bem clara a identidade cristã no nível doutrinário e até de hierarquia de valores do comportamento.

1.4.2. O segundo tipo de grupos são os de ação pastoral ou social. Pretendem uma finalidade concreta: realização de campanhas (da fraternidade, missionárias, culturais), acampamentos etc.; ou é um grupo que se reúne para preparar a catequese paroquial da primeira

Eucaristia ou da crisma; ou procura ser o conselho paroquial ou a diretoria da Cáritas paroquial ou diocesana. A reunião gira em torno do trabalho concreto a ser realizado por cada um e pelo grupo: finalidades, métodos, dificuldades, soluções. Não se apresenta nenhum elemento referente à vida pessoal dos participantes e nem sequer às motivações pelas quais eles realizam essa tarefa.

Se o grupo descrito em 1.4.1. é um GRUPO de ESCUTA, o descrito em 1.4.2. é um GRUPO de TRABALHO.

1.4.3. Uma CVX é um grupo que procura integrar a reflexão-oração com a ação-comportamento (vivência cotidiana) de cada um de seus membros; quer dizer, unir "contemplação e luta", ou, segundo a definição de santo Inácio de Loyola, ser "homens (pessoas) contemplativos na ação".

Para tanto, é indispensável que sejam GRUPOS DE ESCUTA, onde ORAÇÃO E VIDA são partilhadas, não só porque lá se ora e se comunica a vida de cada um, mas porque *se dá e se recebe* aos outros e dos outros a própria vida, feita oração: lugar de encontro entre Deus e a pessoa humana.

1.5. Grupos estáveis

1.5.1. As CVX não são grupos para durarem alguns meses, enquanto dura o trabalho ou o estudo de um tema ou programa; já foi indicado que a finalidade destes grupos é ajudar os seus membros a conseguir maturidade na vivência cristã; conseqüentemente, sua duração é ilimitada. Ainda mais, a CVX é um MODO de viver a fé, para o que ajudam a continuidade, a intimidade e o conhecimento dos componentes de cada comunidade.

Isto não quer dizer que não pode haver mudanças nas pessoas que integram os grupos; simplesmente, enuncia-se uma realidade ideal, que depois será adaptada às condições reais da vida de cada um dos que integram a CVX; mudança de cidade ou necessidades de outros grupos de CVX etc.

1.5.2. Ao qualificar estes grupos de *estáveis*, também queremos significar que as pessoas que integram uma CVX vivem uma SITUAÇÃO DE VIDA, de algum modo, ESTÁVEL. Quer dizer, que passaram os períodos ou etapas de instabilidade e indecisão a respeito de suas vidas (embora toda vida seja sempre mudança, em maior ou menor grau), que fizeram uma *opção consciente* por esse estilo de vida e que desejam realizá-lo em todos os momentos e circunstâncias, mesmo que estes experimentem mudanças importantes.

Enquanto chega o momento dessa opção, a comunidade é uma CVX em processo de formação, e suas etapas de crescimento são tão importantes que delas e do modo como sejam vividas dependerão o momento dessa opção e a forma de viver o compromisso de CVX formada.

Tudo o que foi dito aplica-se às CVX de jovens. Tanto as CVX que se formam com jovens, quanto as de adultos, deverão entrar nesse processo de crescimento e assimilação, até chegarem ao momento de optar pelo estilo de vida CVX. O que fica claro é que uma CVX de jovens tem dois processos iniciados: o de amadurecimento pessoal e o de amadurecimento como CVX; quando ambos tiverem chegado à sua culminação, essa CVX estará plenamente formada. Isto dependerá da graça de Deus, da capacidade de generosidade e de amadurecimento humano das pessoas jovens que a integram.

1.6. Grupos de amigos

Quando as CVX crescem e amadurecem com abertura e sinceridade na escuta, e de modo estável, chega-se a formar um grupo de amigos. Esta amizade baseia-se no conhecimento e estima mútuos e produz uma coesão profunda do grupo. Não se trata somente de algumas idéias; existem fatos que foram compartilhados ao longo dos anos: realidades agradáveis (casamentos, batizados de filhos, aniversários, sucessos profissionais, festas etc.) e também realidades não tão gratas (doenças, fracassos, mortes, incompreensões etc.). Tudo isso foi motivo para partilhar, em todos os níveis, pois foi vivido com a intensidade, a alegria de um grupo de amigos, mas também com a profundidade de um olhar a partir da fé.

2. DE CONDIÇÃO SEMELHANTE

("Princípios Gerais", n. 12)

"Cada grupo se compõe normalmente de pessoas de condições semelhantes, tais como idade, profissão, estado de vida etc."

Trata-se de um critério variável. Pode-se dizer que cada CVX tem uma vida particular, como a de qualquer grupo que não foi escolhido de modo seletivo, mas aberto, confiando em que as circunstâncias que motivaram seus inícios são uma concretização daquela palavra do Senhor: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu quem vos escolhi" (Jo 15,16). Por isso, as CVX, ordinariamente, estão formadas por pessoas que apresentam uma certa similitude, mas não são exceção as CVX formadas com uma certa heterogeneidade.

3. SÃO LEIGOS QUE SE SENTEM POVO DE DEUS (PG 3,5)

No último capítulo, exporemos a história das CVX, que remonta aos inícios da Companhia de Jesus, pois o próprio santo Inácio e seus padres dedicaram seus esforços a preparar pessoas leigas que fossem capazes de viver plenamente sua missão dentro da Igreja; de modo semelhante, continuaram na constituição das Congregações Marianas, até 1773, ano da extinção da Companhia de Jesus. A partir desse momento, o seu carisma inaciano dilui-se em associações piedosas.

3.1. Atualmente, as CVX querem recuperar o seu sentido de *movimento de leigos e para os leigos*... "para aqueles que se ocupam com as atividades seculares". Esta vocação laical foi reafirmada pelo Vaticano II, como um carisma eclesial: "Os leigos, que devem participar ativamente em toda a vida da Igreja, estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também SÃO CHAMADOS a ser testemunhas de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana" (*Gaudium et spes*, n. 43).

"Pelo nome de leigos — diz o Concílio Vaticano II — aqui são compreendidos todos os cristãos, exceto os membros da ordem sacra e do estado religioso aprovado na Igreja. Estes fiéis, pelo batismo, foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo" (*Lumen gentium*, n. 31).

3.2. São conscientes de serem MEMBROS DA IGREJA e, conseqüentemente, vivem esta realidade como uma VOCAÇÃO; como um chamado de Cristo ao qual desejam responder de dentro do mundo em que vivem, convencidos de que aquilo que a Igreja lhes pede é o seu carisma de integrar vida e evangelho: "O divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo" (GS 43).

"Vivem no século, i. é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida. Lá são chamados por Deus para que, exercendo seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, a modo de fermento, de dentro, contribuam para a santificação do mundo" (LG 31).

3.3. O seu sentido laical os faz serem *responsáveis pelo movimento* e prepararem-se profundamente, a fim de levarem outros pelo cami-

nho através do qual o Senhor os conduz; conseqüentemente, "os leigos esperem dos sacerdotes luz e força espiritual. Contudo, não julguem serem os seus pastores sempre tão competentes que possam ter uma solução concreta e imediata para toda a questão que surja, mesmo grave, ou que seja a missão deles" (GS 43).

Em capítulo à parte, trataremos das funções dentro da CVX e como cada pessoa da Comunidade pode servir a esta, a partir de uma função concreta.

4. POR ISSO, CHAMADOS A VIVER EM COMUNIDADE (PG 6)

4.1. *O sentido do termo Comunidade* nasce, na CVX, da experiência profunda e radical da vocação cristã, à qual foram chamados os seus membros pelo batismo. O serem incorporados à vida de Cristo e serem chamados a viver como ele ("quem quiser vir comigo, deve ficar contente em comer como eu, e igualmente em beber e vestir" etc.; "do mesmo modo, deve trabalhar comigo durante o dia e vigiar à noite..." etc. [EE 93]) faz com que cada grupo deseje experimentar em si mesmo aquilo que depois será objeto do testemunho perante os outros. A Comunidade é "uma experiência concreta de unidade no amor e na ação"; ela será o sacramento do amor de Cristo a todos os seus membros, "uma célula do Corpo místico, cujos membros estão unidos entre si pelo mesmo compromisso, pelo mesmo estilo de vida e pelo amor filial a Maria". A aceitação, entrega e sacrifício de todos entre si irão tornando mais claro e transparente o amor do Senhor para cada um, e a salvação experimentada no interior da CVX será a força que impulsionará cada um a levá-la aos outros; poderá ser *testemunha*, não pregador, nem "címbalo que soa", mas indicador de uma experiência onde cada um encontrou o amor libertador de Cristo feito realidade, encarnado no mundo atual, para seguir sendo salvação para todos os homens.

4.2. Neste sentido, ser comunidade implica, para uma CVX, ser:

* KOINONIA: lugar de partilha de oração e vida; de tudo aquilo que alguém é e tem.

* KERYGMA: anúncio para todos os membros do grupo e para aqueles que chegam de fora, da BOA NOVA que Jesus nos deixou: que é possível vivermos como irmãos e filhos do mesmo PAI-DEUS!

* DIAKONIA: serviço perseverante aos mais necessitados "para o estabelecimento da justiça e da paz entre os homens" (PG 7).

4.3. As CVX não são comunidades fechadas em si mesmas, nem em seu próprio trabalho apostólico. Ser comunidade, dentro do povo de Deus, implica ter uma visão universalista, "católica", da missão de cada comunidade e de cada pessoa. Por isso, a CVX se sente parte de um movimento que compreende outras comunidades inseridas no mesmo centro (paróquia ou centro pastoral), ou em outros centros da mesma cidade ou nação. Desse modo, as CVX se organizam como Federação Nacional e Mundial, e assim se integram no trabalho missionário das dioceses e do mundo, para atingir "a todos os homens de boa vontade" (PG 6).

5. PARA FORMAR PESSOAS COMPROMETIDAS A SERVIÇO DO REINO DE DEUS

(PG 6)

"Nossos grupos são COMUNIDADES CRISTÃS, cujo objetivo é formar homens e mulheres, adultos e jovens, comprometidos no serviço à Igreja e ao mundo, em qualquer campo da vida: familiar, profissional, cívico, eclesial etc."

A finalidade de uma CVX é levar as pessoas que a formam a viverem um COMPROMISSO de SERVIÇO, lá onde essas pessoas vivem.

5.1. COMPROMISSO

Esta finalidade especifica aquilo que a CVX é e deseja ser. Não são grupos de informação, nos quais a finalidade não atinge diretamente o comportamento, mas comunidades com o objetivo simples e claro de ajudar as pessoas a comprometer-se. Não é fácil falar atualmente em compromisso; para muitos, é algo que tira a liberdade pessoal; para outros, exige ter presentes todas e cada uma das circunstâncias que se produzirão mais tarde. A sociedade atual, ao valorizar mais aquilo que acontece no instante presente, do que a coerência da pessoa com a trajetória de sua vida (pensamentos, sentimentos, orientações etc.), provoca uma incapacidade de assumir compromissos. Quem pode dizer que amanhã não se darão na vida circunstâncias tão "fortes" que seja preciso romper com o próprio passado e seguir aquilo que, no momento, se tornou "irresistível" para ele? Esta dúvida invalida qualquer possível compromisso de vida, ao mesmo tempo que afunda numa maneira de ser "desligada", estéril, ou na atitude de quem apenas adota compromissos relativos, sempre disposto a se deixar convencer ou a mudar, em virtude de qualquer situação ou argumento.

Frente a isso, a CVX deseja que suas comunidades se comprometam, assumam a parte de responsabilidade que lhes corresponde e mantenham crescente o seu nível de compromisso. Um compromisso que não poderá ser absoluto e idêntico para todas as comunidades, mas adequado ao tipo de Comunidade e à etapa na qual ela se encontre, como preparação para atingir um compromisso definitivo com a CVX. Deste modo, deseja que seus membros possam atingir o grau de maturidade pessoal que implica o ser capaz de assumir, em todo momento, sua própria existência, em fidelidade ao próprio "eu" psicológico e, sobretudo, histórico. O ser humano se constrói *integrando o presente* na história, não começando, a cada momento, do ponto zero, como se todo o passado fosse ruínas, cujos materiais não servem para a construção do futuro. O compromisso, o assumir responsabilidades, o ser memória atual de si próprio, faz com que a CVX, enraizada em si mesma, possa ser força de futuro.

5.2. *Compromisso de SERVIÇO*

Mais adiante, veremos como as CVX estão alicerçadas sobre a espiritualidade dos Exercícios Espirituais de santo Inácio de Loyola, que lhes conferem este traço essencial: o SERVIÇO... O MAIOR SERVIÇO... à Igreja e ao mundo.

O serviço na CVX é dado pela situação vivencial de cada um dos seus membros. Não é um serviço organizado, no qual participa toda a Comunidade, embora isso também não seja explicitamente excluído; mas acontece que cada pessoa se sentirá chamada a um tipo de serviço, segundo a sua inserção no mundo.

Contudo, este serviço está orientado para uma finalidade: "Pelo progresso e paz, justiça e caridade, liberdade e dignidade de todos os homens" (PG 2). Mas as CVX estão conscientes do lugar onde se apresenta o trabalho: lá onde as barreiras para conseguir essa finalidade são maiores: "Temos consciência de que devemos nos consagrar *prioritariamente* à renovação e santificação da ordem temporal... , quer dizer, trabalhar pela reforma das estruturas da sociedade, participando dos esforços de libertação dos homens que são vítimas de toda sorte de discriminação e a esforçar-nos, sobretudo, em suprimir as diferenças entre ricos e pobres dentro da Igreja" (PG 7).

Levar à sociedade aquilo que é a vida interior da CVX, como experiência alegre de libertação e salvação, exige de cada CVX um processo de discernimento e escuta da realidade social e da urgência com que o amor de Cristo se percebe no seu interior. Deste modo, será possível achar "onde" e "como" esse serviço se tornará verdade.

2

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA CVX

1. O CAMINHO DAS CVX . ETAPAS

"Entrar para um grupo CVX é, antes de tudo, um convite a começar uma CAMINHADA, cujo destino, em aberto, cada um deverá descobrir com a ajuda dos outros.

Embora essa caminhada se apresente inicialmente como algo quase desconhecido, já desde os começos encontram-se as chaves básicas que servem de linhas-mestras e que, por sua vez, são as principais motivações que levam a interessar-se e entusiasmar-se pelas CVX.

Mas quais são estas chaves ou motivações iniciais? De modo forçosamente geral, poderíamos dizer que uma pessoa que entra numa CVX possui, no início da caminhada,

- a) uma atitude de procura, manifestada num profundo desejo de dar maior sentido à própria vida;*
- b) uma ânsia ou anelo de redescobrir ou dinamizar uma fé pessoal, uma relação mais constante e intensa com Deus;*
- c) um desejo de transformar o contexto no qual vive, percebido como injusto;*
- d) uma necessidade de viver com outros, de se relacionar na amizade, de crescer no conhecimento intra e interpessoal.*

Certamente, estas motivações adquirem significados e intensidades diferentes, de acordo com as situações sociopolíticas nos diversos contextos.

Em todo caso, a caminhada a ser começada irá delineando atitudes, aprofundando-as, enriquecendo-as com a experiência, permitindo conversões, ou mudanças pessoais progressivas, nas quais o grupo e o indivíduo crescem no "ser pessoas" e em generosidade.

Quando se compartilham com o grupo pela primeira vez, os desejos de cada pessoa e se começa a conhecer os pontos comuns que marcarão a caminhada do grupo, inicia-se uma nova vida que implicará mudanças substanciais em cada um."

(Texto-base da Assembléia CVX, Granada (Espanha), julho de 1985).

1.1. Todo grupo que se reúne experimenta um processo análogo ao de cada pessoa. Poder-se-ia dizer que o grupo possui uma vida; e, nesse processo vital, podem ser indicadas certas etapas, apesar das imprecisões decorrentes de querer encaixar "a vida" dentro de parâmetros fixos.

1.2. Cada etapa tem uma duração variável, dependendo do número de pessoas que formam a CVX e, sobretudo, do modo e forma de ser de cada uma delas.

1.3. Nem todas as pessoas se encontram, a cada momento, em idênticas circunstâncias; é uma habilidade do coordenador do grupo o saber moderar a marcha, a fim de que nem se afastem dele os que vão mais atrasados, nem se impacientem os que caminham mais depressa. O grupo é constituído por todos aqueles que o formam; deve-se atender ao conjunto.

1.4. Cada uma destas etapas está sempre presente, de um modo ou de outro, na vida da pessoa e da CVX. Não é um avanço linear, no qual cada etapa concluída significa um esquecimento de tudo o que ocorreu antes. Não é assim na vida cristã de seus membros e não pode ser na vida de uma Comunidade; antes, é uma integração de cada etapa, com o que se adquiriu na etapa anterior e que deve ser constantemente renovado.

1.5. As etapas são descritas com a terminologia dos Exercícios Espirituais de santo Inácio, que são o fio condutor de toda a espiritualidade das CVX (PG 4): "A espiritualidade de nossos grupos é centrada em Cristo... Consideramos os Exercícios Espirituais de santo Inácio como a fonte específica e o instrumento característico de nossa espiritualidade".

1.6. Até o momento, é possível descrever pormenorizadamente as primeiras etapas. Existem descrições de todas as etapas em:

- SURVEY del Proceso de formación de las CVX (FMCVX, Roma).
- COMUNIDADES DE VIDA CRISTÁ (A. Brito e outros, Braga, Portugal).

Em cada um deles, existe uma “nomenclatura” diversa, para denominar as etapas e marcar os traços e as características. Isso é natural e não deve soar estranho; são elementos indicativos e nunca compartimentos estanques. Contudo, continuamos a manter esta descrição do processo, porque ajuda a conhecer aquilo que está acontecendo, e a propor uma caminhada real, que foi experimentada, para toda CVX que inicia a sua jornada.

2. DESCRIÇÃO DESSAS ETAPAS

2.1. 1.^a ETAPA: DE INICIAÇÃO:

“PRESSUPOSTOS” DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

2.1.1. *Objetivo principal:* formação do grupo e esclarecimentos de sua identidade.

2.1.2. *Pessoas que integram o grupo*

- 2.1.2.1. Jovens ou casais (marido e mulher) com INTERESSES diversos. Cada um deles chega à procura de algo, sem que isto lhes fique (às vezes) muito claro.
- 2.1.2.2. Idem, com MOTIVAÇÕES não-explicitadas, ou sem nenhuma motivação.
- 2.1.2.3. Idem, com pessoas que participaram de experiências comunitárias num outro estilo.
- 2.1.2.4. Idem, com *generosidade e desejos* de iniciar uma experiência de grupo ou comunidade, como forma de vida eclesial.
- 2.1.2.5. Idem, com capacidade de ABERTURA ao processo. Confiar e abrir-se ao grupo.
- 2.1.2.6. Desejo de um amadurecimento cristão, adulto e responsável.
- 2.1.2.7. Pessoas que estão à procura de algo mais do que algumas “aulas” (ser, mais do que saber).

2.1.3. Objetivos específicos desta etapa

2.1.3.1. PESSOAIS

Esclarecer os interesses, motivações e necessidades pessoais, no momento atual.

- * Conseguir um grau de *abertura aos outros* que lhes permita estabelecer uma amizade estável (comunicação de opiniões, experiências e sentimentos).
- * Atitude de reconhecimento (respeito), apreço e aceitação própria frente aos outros (sou aquilo que sou).
- * Atitude de reconhecimento (respeito), apreço e aceitação dos outros (eles são aquilo que são).
- * Libertação pessoal de tudo aquilo que impede de manter relações interpessoais: a rotina, a "cabeçudice", o esclerosamento, a fixação em etapas infantis, o autoritarismo etc.

2.1.3.2. GRUPAIS

- * Conhecimento *pessoal* daqueles que formam o grupo: modo de ser, gostos, preferências, opiniões e respeito dos problemas principais da vida...
- * *Confiança mútua*, para expressar, no grupo, as opiniões, sentimentos e experiências que a gente não manifestaria em "qualquer" reunião.
- * *Coesão* do grupo; união entre aqueles que integram o grupo: início de uma amizade.
- * Disposição de serviço recíproco em tudo aquilo em que cada um pode ajudar.

2.1.3.3. FORMAÇÃO CRISTÃ

- * Compreensão e aprofundamento dos elementos de uma vida cristã integral: Escritura (evangelhos), oração, liturgia, sacramentos...
- * Compreensão e aceitação da vida eclesial comunitária.
- * Integração da categoria "Reino de Deus" na vida cristã.
- * Aceitação gradual das conseqüências práticas, na vida real, de tudo o que aconteceu anteriormente.
- * Iniciação à oração: a começar com a "avaliação ou oração sobre o dia".

2.1.4. Sinais que marcam o término desta etapa

2.1.4.1. PESSOAIS

- * Predomina a convicção de que os interesses e necessidades pessoais devem ser atingidos através da vida em grupo.
- * Existe uma valorização positiva daquilo que cada um é e pode. Não há uma influência negativa da "história pessoal"; assume-se essa história e se coloca o ponto de partida no momento presente.
- * Respeito e valorização positiva das comunicações do resto do grupo: "Tentar salvar a proposição do próximo..."
- * Não se pretende "ter sempre a razão..."
- * Não se recorre, como inicialmente, ao passado.
- * Dá-se prosseguimento à idéia ou contribuição dada por um outro do grupo.
- * Predominam as contribuições do tipo "vivencial": aplicações práticas, mudança de conduta, compromissos pessoais etc.

2.1.4.2. GRUPAIS

- * Quando uns se dirigem aos outros, fazem referência ao que foi dito, em dias anteriores, pelo outro; às opiniões dele etc.
- * Falam com maior profundidade que em outras reuniões (das primeiras... há meses... com outras pessoas).
- * Conta-se com a aceitação e acolhimento dos outros.
- * Não existem receios e reservas sobre o que foi dito no grupo.
- * Aumentam os relacionamentos "extra" (fora) reunião, de tipo informal.
- * São freqüentes as atuações e/ou petições de ajuda ou serviço àqueles que precisam.
- * Começam a tomar a iniciativa e a responsabilidade, quanto à temática e às necessidades próprias do grupo.

2.1.4.3. FORMAÇÃO CRISTÃ

- * Vão diminuindo as perguntas e contribuições de tipo teórico: dificuldades, dúvidas de tipo doutrinário. Não porque não existam, mas porque deixaram o lugar a outras prioridades.
- * Abundam as contribuições que integram idéias,

aplicações, conseqüências da reflexão própria sobre o evangelho, sacramentos, liturgia...

- * Existe facilidade (iniciação?) para a oração pessoal e comunitária.
- * A figura de Maria recebe seu valor, como modelo de vida cristã.
- * Participam nas celebrações litúrgicas, responsabilizando-se pela preparação de algumas das partes: oração dos fiéis, liturgia da Palavra, ato penitencial, cantos...
- * Maior sensibilidade perante os problemas de injustiça e marginalização, perante as preocupações familiares (filhos etc.).
- * Iniciativas pessoais de serviço às necessidades mais prementes do próprio meio social.

- N.B.
- a) Estas características não se apresentarão simultaneamente em todos os participantes; nem todas elas em todos. Supõe-se que um grupo deve caminhar com uma certa homogeneidade e, conseqüentemente, terá que esperar aquilo que a maioria apresentar. É possível que aqueles que não se encontram nessa situação não sigam adiante; será preciso propiciar-lhes uma saída, ou o grupo decidirá esperar por eles.
 - b) No final desta etapa, poder-se-ia fazer uma exposição mais completa daquilo que são as CVX (cur-silho, retiro...?).

2.1.5. Atividades para esta etapa

2.1.5.1. REUNIÕES:

- * Semanal; de grupo

2.1.5.2. LITURGIA:

- * Eucaristia dominical.

2.1.6. Material

- BARREAU, C., *Quem é Deus?*, Vozes, Petrópolis, 1972.
- COMBLIN, J., *Jesus de Nazaré*, Vozes, Petrópolis, 1975.
- PASTOR, F. A., *Existência e Evangelho*, Loyola, São Paulo, 1973.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptor hominis*.
- RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, Herder, São Paulo, 1970.
- *Compêndio dos documentos do Concílio Vaticano II*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1980.
- *Documento de Medellín*.
- *Documento de Puebla*.

2.1.7. Esquema de uma reunião típica desta etapa

- 2.1.7.1. Acolhimento-saudações.
- 2.1.7.2. Oração de abertura (salmo, um texto). Silêncio.
- 2.1.7.3. Tema da reunião.
- 2.1.7.4. Avaliação da reunião (5 minutos).
- 2.1.7.5. Oração final (pode ser compartilhada).

2.1.8. Convivências

- * Nesta etapa, convém programar algumas convivências *informais* de todo o grupo motivadas por algum acontecimento familiar, do final do trimestre etc.
- * Se possível, algum fim de semana pode ser dedicado a alguns temas de especial interesse: as relações interpessoais, algum retiro no tempo do advento, na quaresma...
- * Programar reuniões conjuntas (uma ou duas por ano) com outros grupos de CVX, a fim de favorecer o sentimento de identidade e pertença (encontro breve, Eucaristia e celebração festiva).

2.2. 2.ª ETAPA: PRINCÍPIO E FUNDAMENTO

2.2.1. *Objetivo principal*: formação da comunidade de fé.

2.2.2. Características desta etapa

Esta etapa do processo de amadurecimento cristão comunitário inspira-se no Princípio e Fundamento dos Exercícios Espirituais. Caracteriza-se, portanto, por um período de aquisição de uma:

VISÃO POSITIVA DO EU E DO MUNDO, COMO CRIATURAS DO PAI.

2.2.3. *Objetivos específicos desta etapa*

2.2.3.1. PESSOAIS:

- * *Introdução e desenvolvimento* da vida de oração pessoal, a partir da "oração sobre a vida" (exame ou avaliação diária); *aquisição de um modo de ver* os acontecimentos diários, à luz da fé.
- * *Tomada de consciência* das qualidades pessoais e dos defeitos próprios, *aceitando* as duas coisas e *integrando-as* na visão positiva de si mesmo, como

- alguém criado pelo Pai (o primeiro dom do Pai para cada indivíduo é a aceitação de si mesmo).
- * *Assimilação* do conteúdo do Princípio e Fundamento (disponibilidade à vontade de Deus).
 - * *Aceitação e compromisso* gradual do estilo de vida da CVX (PG 11), especialmente da parte daqueles que podem servir para uma melhor integração pessoal (humano-espiritual-apostólica).
 - * Crescimento na consideração e valorização das pessoas do grupo, como dom de Deus.

2.2.3.2. GRUPAIS:

- * *Consolidar e potencializar* os objetivos da etapa anterior.
- * *Superar* as dificuldades que se apresentem no relacionamento interpessoal.
- * Adquirir um clima de *confiança mútua*, no qual seja possível compartilhar vivências, dificuldades e esperanças com os companheiros do grupo.
- * Conseguir relações grupais de *interesse e apoio mútuo*.
- * Sentimento de *estima e aceitação mútuos*. ("Todas as coisas sobre a face da terra são criadas para o homem").

2.2.3.3. DE SERVIÇO:

a) *Para dentro*

- * Participar nas atividades organizacionais do Centro.
- * Ser monitor de algum grupo de jovens.
- * Dirigir ou colaborar ativamente na direção das atividades litúrgicas para jovens ou para adultos.
- * Colaborar na preparação e realização de convivências, retiros ou jornadas de formação, para grupos de iniciação.

b) *Para fora*

- * Colaborar em atividades assistenciais paroquiais ou diocesanas; p. ex., Cáritas, catequese etc.
- * Colaborar nas atividades de promoção humana do Centro.
- * Intervir nos lugares onde se vislumbre a possibilidade de realizar um serviço necessário: associações de bairro, secretariados diocesanos, Justiça e Paz etc.

2.2.4. Aspectos-chave desta etapa

- Não se trata de uma lista de temas para as reuniões.
- Trata-se de uma explicação-guia de pontos ou aspectos que cada pessoa do grupo terá que incorporar vivencial, NÃO IDEOLOGICAMENTE (teoria).
- Poder-se-ia dizer que aqui se desenvolve a etapa do processo dos Exercícios que corresponde ao Princípio e Fundamento. (Cf. G. Cusson: *Conduzi-me pelo caminho da eternidade*, Loyola, São Paulo, 1976, pp. 35-44).
- * Ver a realidade a partir da fé: relação com a Escritura.
- * O universo: obra do amor de Deus. Vocação de Abraão.
- * Leitura dos acontecimentos e situações.
- * Cristo, a medida de todas as coisas.
- * Visão positiva de Deus-Pai, presente em pessoas e coisas.
- * Maria, modelo de resposta: colaboradora com Cristo.

2.2.5. Os Exercícios Espirituais nesta etapa

2.2.5.1. A EXPERIÊNCIA DOS EXERCÍCIOS NESTA ETAPA É DECISIVA:

- para atingir os objetivos pessoais e a interiorização do objetivo principal desta etapa;
- para conseguir iniciar o grupo na espiritualidade (estilo de vida) inaciana e marcar sua identidade própria;
- para servir de coesão e força ao grupo.

2.2.5.2. PODE SER FEITA DE MUITAS FORMAS:

- a) Em retiro. Inicialmente ou no momento que o grupo considerar oportuno. Pensamos que é difícil conseguir uma frequência de todo o grupo e até deveria ser pensado se, para eles, seria o mais adequado.
- b) Na vida corrente. Sempre e quando ocorram as condições exigidas pela experiência:
 - * Pessoa capacitada para uma certa consciência espiritual.
 - * Capacidade de resposta (generosidade) à graça.
 - * Equilíbrio interior suficiente para se abrir ao processo dos EE.
 - * Capacidade para desenvolver uma reflexão; preocupação interior, na vida cotidiana.
 - * Possibilidade de reservar um tempo diário de calma para a reflexão.

* Certa capacidade para dedicar um tempo diariamente à oração.

Cf. Cusson, op. cit., pp. 21-31. Acreditamos que seria o mais adequado na maioria dos casos. O guia do grupo poderá ajudar a decidir.

2.2.6. As reuniões nesta etapa

- 2.2.6.1. Não são um "fórum" sobre idéias, opiniões etc., mas encontros para PARTILHAR AS EXPERIÊNCIAS, tanto cotidianas, quanto nos serviços apostólicos.
- 2.2.6.2. São realizadas num clima de oração partilhada.
- 2.2.6.3. Devem supor uma iniciação ao discernimento comunitário.
- 2.2.6.4. São uma oportunidade para conhecer as experiências próprias à luz da Palavra de Deus.
- 2.2.6.5. Ordem ou pontos que podem ser incluídos:
 - * *Oração inicial.* Cada dia, uma pessoa diferente poderia ser encarregada dela.
 - * *Exposição de uma experiência pessoal.* É bom que na reunião anterior sejam sugeridos a área ou o tipo de experiência que deverá ser partilhado, a fim de que cada um possa preparar-se para isso.
 - * *Escuta — Reflexão — Avaliação: Intercâmbio geral.*
 - * *Reflexão pessoal sobre o que foi escutado: Atenção ao próprio processo.*
 - * *Nova exposição (se houver tempo etc.).*
 - * *Oração — Avaliação final.*

2.2.7. Material

a) Para os EE:

- CUSSON, G., *Conduzi-me pelo caminho da eternidade*, Loyola, São Paulo, 1976.
- MELLO, A. de, *Sadhana, um caminho para Deus*, Paulinas, São Paulo, 1980.
- LAPLACE, J., *Exercícios de 30 dias*, Loyola, São Paulo, 1981.
- LEFRANK, A., *Livres para servir*, Loyola, São Paulo, 1985.
- LAPLACE, J., *Dez dias numa experiência da vida do Espírito*, Loyola, São Paulo, 1984.

b) Para as reuniões:

- Textos da Sagrada Escritura
- *SURVEY: Crecer juntos em Cristo...*, Secretariado CVX, Roma.
- BOFF, L., *Jesus Cristo Libertador*, Vozes, Petrópolis, 1972.
- CARLONI, N., et alii, *Oração ao ritmo da vida*, Loyola, São Paulo, 1974.

2.2.8. Sinais que marcam o fim desta etapa

- 2.2.8.1. Levar em conta que é o grupo quem deve superar esta etapa; isso significa que o conjunto dos membros do grupo deve ter alcançado esse objetivo.
- 2.2.8.2. É preferível ter paciência, em lugar de antecipar o momento de iniciar uma nova etapa.
- 2.2.8.3. Não se pode fazer uma "liquidação" das etapas; o avanço é cíclico; por isso, não se deve estranhar que, de vez em quando, apareçam traços de etapas anteriores.
- 2.2.8.4. Poderíamos descrever, do seguinte modo, o fim desta etapa:
 - * Produz-se uma *assimilação dos objetivos do PF*:
 - Abertura de horizontes interiores (universalismo da fé).
 - Integração e aceitação de uma linha de transformação da vida própria (visão dinâmica da fé).
 - Sentimento de pertencer a uma rede de relações vitais, nos planos horizontal e vertical.
 - Compreensão de "si mesmo" como um "eu", no seio de um conjunto POSITIVO e CHEIO DE SENTIDO.

Cf. G. CUSSON, op. cit., d. 44: "Último critério de verificação".

 - * As reuniões conseguem, aos poucos, um clima cada vez mais denso e próximo ao discernimento.
 - * Cresce o *desejo de responder* ao Deus da vida.
 - * *Maior consciência da dificuldade* que implica a vida cristã, tanto pela experiência própria como pelo contato com os outros.
 - * Facilidade para a *vida de oração* pessoal e em grupo.
 - * Descoberta das *limitações*, tanto pessoais como sociais, que coexistem com a visão descrita até agora.
 - * Integração entre FÉ e SERVIÇO.

2.3. 3.^a ETAPA: PRIMEIRA SEMANA DOS EE

2.3.1. *Objetivo principal*: formação da comunidade de salvação.

2.3.2. *Características desta etapa*:

A nova etapa, na qual o grupo entra, é um período dedicado à *integração do problema do mal*. Depois de ter conseguido

uma visão positiva da realidade a partir da fé, agora se apresenta um passo mais profundo e realista: como se estrutura nela o mal que nos rodeia, pessoal e coletivamente, sem perdermos de vista a visão global da fé no Deus da vida, que acompanha a criação até a sua realização plena em Cristo. Esta etapa baseia-se na experiência da Primeira Semana dos Exercícios: "O plano de amor que Deus entregou aos homens foi e é rejeitado por eles; esta rejeição tem suas conseqüências tanto ao nível pessoal como ao nível social. Contudo, o plano de Deus continua de pé e nos chama continuamente à sua realização".

2.3.3. *Objetivos específicos*

2.3.3.1. PESSOAIS

- * Descoberta e tomada de consciência concreta da *miséria e limitações pessoais*, tanto das conscientes (pecado) quanto das inconscientes (afetos desordenados).
- * Experiência dos *temores, complexos, mecanismos de defesa e impotência* que nos fecham e impedem a mudança de vida (conversão).
- * Tomada de consciência da *imaturidade afetiva, infantilismos ou posições de insegurança pessoal, defesa da própria imagem* etc., na medida em que existem em nosso comportamento pessoal, familiar e social (profissional).
- * Reconhecimento do *mal social (pecado estrutural)* nas suas diferentes realidades: injustiça, opressão, marginalização, fome, desemprego, desintegração familiar, abandono, solidão...
- * Avaliação do *influxo do mal social*, nos valores, costumes, leis, modas, comportamentos, critérios, instituições (estruturas) sociais atuais.
- * Avaliação e ponderação da *carga de mal social* que pesa sobre todas as pessoas e o seu influxo para *embrulhá-las* no egoísmo e na falta de liberdade (experiência da própria dificuldade para crescer em amor e liberdade).
- * Sentimento profundo da *necessidade de salvação, para poder crescer no amor e na liberdade*.
- * *Sentir a necessidade urgente de conversão* (mudança) de mentalidade e de afetos (querer o que Jesus quer).

- * *Experiência da salvação recebida* em Jesus, que incite a seguir as pegadas do Mestre (segunda semana).

2.3.3.2. GRUPAIS:

- * O clima grupal atingiu já um "*certo nível de confiança*", onde começam a aparecer as limitações pessoais (o pessoal já não se comporta como se fosse visita).
- * Estas *limitações* podem ser de vários tipos:
 - *Diferenças* entre uns e outros, quanto aos objetivos do grupo, à marcha do mesmo...
 - *Frustrações* perante o tempo que levam e aquilo que o grupo é, faz, dá... (impaciências, pressas, exigências...).
 - *Estouros e explosões* de muitas coisas que, até o momento estiveram contidas, por certa civilidade ou por falta de confiança.
 - *Falhas na sinceridade* das comunicações, que incomodam aqueles que são mais sinceros e abertos.
 - *Desânimo* perante as dificuldades que surgem (desilusão).
- * *Reconhecimento* e experiência da fragilidade da harmonia que existe, até o momento, no grupo (fundamentava-se na "boa vontade", cortesia, mais do que numa experiência *contrastada* de comunidade).
- * Superação dos momentos difíceis pelo esforço de lealdade de todos os membros e o desejo de chegar a uma sinceridade total.
- * Vivência da *experiência comunitária da salvação de Cristo*. Cristo salva a cada um e salva o grupo, sendo ele e somente ele quem sustenta a unidade do grupo.
- * Aceitação da *responsabilidade conjunta* sobre o futuro do grupo. O grupo chegará lá onde, todos todos juntos queiramos que ele chegue, com a ajuda do Senhor.

2.3.3.3. DE SERVIÇO:

a) *Para dentro*

- * Continuam um incremento e aprofundamento das atividades empreendidas.

b) *Para fora*

* Firmam-se e consolidam-se as ações e compromissos.

c) *Como novidade deste período:*

- c. 1) Participam em alguma experiência direta com situações de injustiça ou estruturas opressoras, se até então não tiveram algo semelhante.
- c. 2) Será fomentada a análise dessas experiências, para que sejam vividas como experiência pessoal dos efeitos do pecado estrutural.
- c. 3) Vivência da importância pessoal frente ao mal.
- c. 4) Sentimento da necessidade de redenção em Cristo e escuta do chamado à colaboração com a missão de Cristo.
- c. 5) Confrontação e discernimento sobre a questão: "A quem *sirvo* realmente: a mim mesmo ou a outros?" (Procuro-me através de minha ação?).

2.3.4. *Aspectos-chave desta etapa*

A libertação proposta pela Primeira Semana não deve ser procurada a não ser no próprio Cristo... à luz da história do Cristo Salvador (Crucificado). *Este é o mistério que deve ser explicitado e aprofundado... em contraste com a realidade, vista também em profundidade, do mal e de sua ação mortífera.*

Para se chegar a esta experiência, pessoal e grupalmente, proõem-se os seguintes "passos":

2.3.4.1. *Maior conhecimento pessoal próprio (AUTOCONHECIMENTO)*

- Atitude própria para com a própria pessoa e sua história (desenvolvimento).
- Relacionamentos afetivos.
- Capacidade de tomar decisões responsáveis.
- Grau de autonomia (liberdade) perante os outros.

2.3.4.2. *Tomada de consciência das deficiências de nosso desenvolvimento humano integral.*

- Barreiras para o amadurecimento afetivo.
- Vulnerabilidade própria.
- Imaturidade das decisões.
- Obstinação e fixação irracionais.

2.3.4.3. *Análise das relações pessoais: família, amigos, vizinhos etc.*

- 2.3.4.4. Análise das relações pessoais com os que sofrem os efeitos do mal no mundo: marginalizados, pobres...
- 2.3.4.5. Experiência da própria situação e do influxo em nós do mal e da desordem.
- 2.3.4.6. Tomada de consciência da lógica de nossa vida (para onde conduz?). Amplitude de nossa falta de liberdade (escravidão).
- 2.3.4.7. Experiência da própria incapacidade para salvar-se.
- 2.3.4.8. Vivência do Mistério do Amor, que nos oferece e nos convida à salvação e libertação em Jesus crucificado.

2.3.5. *As reuniões nesta etapa*
(cf. cap. 4: "Reuniões de uma CVX").

- 2.3.5.1. O ambiente do grupo deve fomentar uma simplicidade e uma abertura que ajudem todos a desprender-se de suas inibições e barreiras, a fim de serem e manifestarem-se tal como cada um é.
- 2.3.5.2. Para fomentar o crescimento e amadurecimento pessoais, nesta etapa, *peça-chave* é A EVOLUÇÃO PESSOAL (cf. método e forma de fazer esta avaliação diária pessoal, pp. 47s.).
 - * O grupo, como meio de aprendizagem, *fará isso em algumas reuniões.*
 - * *Cada pessoa o fará diariamente, no fim do dia, para adquirir uma atitude permanente de discernimento.*
 - * *De vez em quando, a reunião será dedicada à REVISÃO sobre a avaliação pessoal.*
- 2.3.5.3. Também é importante que algumas reuniões sejam dedicadas à "*revisão de vida*" sobre algum *acontecimento* (p. 143 do SURVEY: "Crescer juntos em Cristo", e pp. 58s. desta obra).
- 2.3.5.4. A *avaliação comunitária*, ao término das reuniões, ou como modo de partilhar as avaliações pessoais dos membros do grupo (cf. pp. 57ss.).
- 2.3.5.5. Os textos do evangelho devem servir para criar um clima de confiança na misericórdia do Senhor.

NOTA: Convém ter presente que o *clima* destas reuniões é aquele que corresponde à Primeira Semana: *integração do mal*. Não se deve, portanto, estranhar que as pessoas tenham certos níveis, enquanto a comunidade se encontra em outros. O nível da comunidade não é uma soma matemática dos membros; obedece

a leis próprias, como qualquer grupo, e é no respaldo a essas leis e momentos que é preciso fazer a encarnação e interpretação da vida de fé do grupo.

2.3.6. *Os Exercícios Espirituais nesta etapa*

O crescimento espiritual de cada pessoa deve estar orientado à assimilação da Primeira Semana dos Exercícios, cuja prática é, portanto, insubstituível.

A realização poderá ser estudada com o grupo, para decidir ou fazê-los em retiro, durante os dias em que for possível, ou na vida cotidiana daqueles que ainda não os tiverem feito.

Ao terminar esta etapa, todas as pessoas da Comunidade terão feito os Exercícios, de uma ou outra forma.

2.3.7. *Material de trabalho para as reuniões*

- Textos da Escritura
- TEILHARD DE CHARDIN, *O meio divino*, s. e., s. d.
- INÁCIO DE LOYOLA, *Autobiografia*, Loyola, São Paulo, 1978.

2.3.8. *Sinais que marcam o fim desta etapa*

- 2.3.8.1. Podem acontecer, tais como estão expressos em
- CUSSON G., *Conduzi-me pelo caminho da eternidade*, op. cit., p. 62: "Resultado da primeira semana".
 - SURVEY, *Creecer juntos em Cristo*, op. cit., pp. 72-74, ainda que em ambos se tenha mais presente o ponto de vista pessoal.
- * Libertação do mal pessoal: capacidade de reconhecer-lo em si próprio;
 - * humildade total: ausência de toda pretensão interior;
 - * sentimento de profunda gratidão ao Senhor, que perdoa e quer ser servido, a partir da pobreza e da debilidade;
 - * profundo desejo de responder ao amor salvífico de Cristo na cruz;
 - * disponibilidade integral, fundamentada no amor indefectível do Senhor.
- 2.3.8.2. Estes sinais, ao nível grupal, manifestar-se-ão como:
- * *Aceitação cordial dos outros*, com suas limitações, fazendo-as próprias e apoiando o esforço para a sua superação.

- * *Renúncia a todo afeto desordenado* ou ação que tenda à manipulação ou instrumentalização dos outros (grupo).
 - * *Rejeição sincera* de tudo quanto possa supor desvio da vida da comunidade.
 - * *Compromisso de expor e tratar em comunidade tudo o que suponha discrepâncias*, diferentes pontos de vista, dificuldades de relacionamento interpessoal etc.
 - * *Aceitação sincera das opiniões* e comunicações dos outros sobre os problemas próprios, ou como interpelações à própria vida.
 - * *Compromisso de permanecer em comunidade*, lutando para conseguir uma libertação total de todos aqueles que a integram e daqueles com quem se vive.
- 2.3.8.3. Os sentimentos grupais, ao finalizar esta etapa, poderiam ser expressos do seguinte modo:
- * O grupo Comunidade já chegou a ser instrumento do qual o Senhor se serviu para que cada um atingisse os objetivos propostos (Corpo de Cristo para a libertação dos homens, “minha libertação”).
 - * Gratidão ao Senhor e a seu Corpo — este corpo, a Comunidade — pela libertação recebida.
 - * Profundo desejo de responder ao amor salvífico de Cristo com uma *disponibilidade total* ao que for exigido através do grupo.
 - * Docilidade ao chamado de Jesus, discernido em Comunidade.

3. BREVE ENUMERAÇÃO DAS ETAPAS SEQUENTES

3.1. 4.^a ETAPA: COMUNIDADE DE SEGUIDORES

- 3.1.1. *Objetivo*: uma maior imitação de Cristo.
- 3.1.2. *Exercícios Espirituais*: meditação do Reino e oblação.
- 3.1.3. *Missão-serviço*: partilhar os bens de todos e cada um (tempo, talentos, dedicação...) com os mais necessitados.
- 3.1.4. *Sentido eclesial*: seguidor de Cristo; parte do povo de Deus.

3.2. 5.^a ETAPA: COMUNIDADE DE DISCÍPULOS

- 3.2.1. *Objetivo*: experiência de Cristo, escolhido por opção pessoal. Identificação com Cristo.

- 3.2.2. *Exercícios Espirituais*: "Bandeiras", "Classes de homens" e "Graus de humildade".
- 3.2.3. *Missão-serviço*: Compromisso permanente em favor deste estilo de vida. Aceitação alegre das dificuldades e contrariedades que surgem na implantação do Reino (cruz).

3.3. 6.ª ETAPA: COMUNIDADE DE APÓSTOLOS

- 3.3.1. *Objetivo*: experimentar o estilo de vida apostólico, nos valores e nas prioridades.
- 3.3.2. *Exercícios Espirituais*: Terceira e Quarta Semanas.
- 3.3.3. *Missão-serviço*: prosseguir a missão de Cristo, sendo testemunhas de sua vida no mundo.
- 3.3.4. *Sentido eclesial*: disponibilidade para assumir as necessidades mais urgentes do povo de Deus.

4. O COMPROMISSO DAS CVX: OPÇÃO DE VIDA (VOCAÇÃO)

Os grupos CVX avançam, através destas etapas, graças às reuniões, que são o meio de impulsionar a integração Evangelho-vida; e este processo se realiza de acordo com as etapas dos Exercícios Espirituais de santo Inácio, como acabamos de indicar.

Já desde os inícios de um grupo, estão presentes todos os elementos: Comunidade, compromisso com ela, os Exercícios Espirituais, o Evangelho, a oração, o discernimento etc. O aprofundamento destes elementos é aquilo que vai dando o caráter, o "tom de vida espiritual" de cada Comunidade. (Falar de níveis em processos internos e de desenvolvimento espiritual é algo que não deve implicar a idéia infantil do "mais perfeito", "mais adiantado" etc. Simplesmente, cada qual tem um "matiz", uma "tonalidade" ou caráter, dentro do qual poderá responder com maior ou menor generosidade).

Dentro deste processo, cada Comunidade (seja de jovens ou de adultos) que inicia a caminhada vai adquirindo um maior sentido e compreensão daquilo que significa este estilo de vida, o que são as CVX e qual é o apelo que Deus lhe está dirigindo. Poderíamos dizer que vive de uma forma especial o chamado do Rei eterno e apresenta sua vida como procura de uma resposta a esse chamado. Isto quer dizer que uma CVX é uma VOCAÇÃO, um apelo a viver o seguimento de Jesus, para a realização do Reino de Deus.

A resposta a este chamado será diversa, de acordo com o estado de cada pessoa. As pessoas adultas, humana e espiritualmente maduras, se já possuem um estado de vida estável (casadas ou solteiras), poderão fazer sua eleição para viver essa resposta na CVX.

Se a pessoa ainda não escolheu seu estado, poderá eleger: ser leigo, solteiro ou casado, religioso, dedicar sua vida à política etc. Este *compromisso decisivo* é aquilo que constitui uma CVX em Comunidade formada e estável; o que não quer dizer que as comunidades ou grupos que ainda não chegaram aí não sejam CVX. Poder-se-ia dizer que a CVX começa quando existe vontade de iniciar um processo de amadurecimento humano e espiritual, confiando em que a direção do Espírito de Jesus irá marcando e comunicando suas exigências, enquanto vai dando forças para poder responder com generosidade e esperança alegre.

O mesmo dinamismo que inicia o processo e que o faz desenvolver-se deverá ser o que constitui a vida de uma CVX em CONTÍNUO CRESCIMENTO; pois a missão também deve ser discernida e os apelos do Senhor serão novos momentos de escolha para ser, cada vez, mais "prontos e diligentes" às novas metas que ele propuser.

3

VIVÊNCIA PROFUNDA DE UMA CVX FORMADA

É UMA COMUNIDADE QUE VIVE O ESPÍRITO DOS EXERCÍCIOS, PARA ENCONTRAR E ACEITAR A VONTADE DE DEUS NA MISSÃO (SERVIÇO).

Quando falamos da vivência de uma CVX, devemos acrescentar algo importante: FORMADA. Isto quer dizer que, no processo que acabamos de delinear, existem etapas nas quais esta vivência se apresentará de modo incipiente e se intensificará à medida que o amadurecimento humano e o desenvolvimento da CVX forem atingindo os níveis seguintes.

É possível que uma CVX não progrida ou que o faça lentamente, dado que qualquer crescimento é graça de Deus. Contudo, será função do responsável pelo grupo questioná-lo para analisar e examinar o que é que está acontecendo.

1. COMUNIDADE QUE VIVE O ESPÍRITO DOS EXERCÍCIOS

Para viver de acordo com o espírito dos Exercícios de santo Inácio, é preciso fazê-los, segundo o modo que cada qual achar mais conveniente: em retiro ou na vida corrente e com a duração que, em cada momento, for mais adequada. Mas, para poder iniciar uma vida de CVX, os Exercícios são um ponto de partida e, simultaneamente, um ponto de chegada.

1.1. São um ponto de partida, porque é preciso viver os EE e tê-los como projeto de vida, que marca as etapas com uma pedagogia que

colabora com as graças de Deus. Igualmente, são um ponto de chegada, porque os EE levam a pessoa à opção pelo Reino de Deus e a tratar de vivê-lo no estilo de vida CVX.

1.2. *São estrutura interna e fio condutor das CVX*, porque, uma vez feitos os EE, resta o trabalho de vivenciar e aprofundar cada uma de suas etapas, ao longo da vida. Uma vez feita a opção pelo Reino de Deus, vivida a partir de uma CVX, a pessoa tenta, cada dia, um descondicionamento ou libertação de seus afetos desordenados, a fim de ficar livre ou disponível para procurar, não só a vontade de Deus em todos os acontecimentos de sua vida, mas aquilo que for maior serviço de Deus e dos homens, seus irmãos.

1.3. *São ponto de chegada*, porque o homem dos EE é o homem do Reino de Deus. A finalidade é a resposta ao apelo de Jesus, para viver como ele e trabalhar como ele, dentro de cada profissão ou estado. É um compromisso de seguimento de Cristo pobre e humilde, na missão concreta da vida.

Isto supõe que as pessoas das CVX têm sua vida centrada na procura de Deus, em todas as coisas, e assumem as conseqüências de sua opção. Vão viver as alegrias do Reino, mas também vão ter que sofrer as perseguições, desprezos e incompreensões de um mundo que não comparte seus critérios. A identificação total com um Cristo pobre, humilhado e humilde situá-las-á em constante oposição a um mundo cujos valores são a riqueza, a glória e o poder. Essa oposição será transformada na Cruz que o homem dos EE vive "com o Cristo doloroso" e "posto na cruz por meus pecados", mas na esperança da ressurreição.

2. PARA ENCONTRAR E ACEITAR A VONTADE DE DEUS (COMUNIDADE DE DISCERNIMENTO)

Nos EE existem as meditações, que são conteúdos das etapas; mas há também outros documentos que têm tanta importância quanto elas e que são como que o espírito de cada uma dessas etapas. Entre eles, estão as REGRAS DE DISCERNIMENTO DE ESPÍRITOS, que são ajudas práticas para poder chegar a compreender o que acontece num momento determinado, e poder seguir o caminho melhor para aquilo que se pretende.

As regras de discernimento não são algo estático, mas, no seu conjunto, constituem um clima ou atitude permanente, para poder escolher, numa situação concreta da vida de uma pessoa ou grupo.

2.1. *Discernimento pessoal.* O membro CVX que desejar viver o espírito dos EE, tratando de encontrar "aquilo que for maior glória de Deus", experimentará em seu interior movimentos ou estados de espírito produzidos por diversas causas: a) situações externas: sociais, econômicas, culturais... b) situações pessoais; e c) situações religiosas: eclesiais, oracionais... Cada pessoa tem que tomar decisões, nas quais a aplicação do evangelho à vida cotidiana passa por um discernimento de suas motivações e daquilo que ele acredita ser exigência do seguimento de Jesus.

O discernimento é um meio para encontrar aquilo que Deus quer de alguém, para que siga a sua vontade, e para separá-lo daquilo que se pode apresentar como falsamente melhor.

2.2. *Dicernimento grupal.* O discernimento afeta também o grupo, ainda mais quando este grupo é uma Comunidade de Vida Cristã. A CVX deve discernir suas próprias moções ou movimentos interiores, quando afetam a marcha de toda a comunidade (avanço ou retrocesso do grupo), e também para ajudar *comunitariamente* o discernimento pessoal de algum de seus membros: problemas profissionais, familiares, pessoais etc. (ver a seção sobre as reuniões).

2.3. Contudo, é preciso levar em conta que não se deve chamar de discernimento espiritual qualquer tipo de ajuda ou esclarecimento que possa ser dado dentro de uma CVX, pois o discernimento exige um clima adequado de oração (presença de Deus), para poder dispor as pessoas que irão intervir nele, a fim de encontrar a vontade de Deus sobre o tema proposto. Há momentos na vida em que uma pessoa é mais ou menos suscetível ou influenciável por diferentes aspectos, de acordo com o que foi vivido ultimamente ou a intensidade com que se viveu. Também existem temas nos quais cada pessoa reconhece sua debilidade ou preferência, às vezes, pouco ou nada razoáveis; por último, os estados afetivos que cada um tem presentes num dado momento podem perturbar um processo de discernimento. Tudo isso é impossível de ser apagado, eliminado, como se não existisse; mas é possível conseguir que passe das áreas inconscientes, desconhecidas ou rejeitadas da própria *psique*, até tornar-se algo presente e assumido, a partir da fé, como realidades com as quais é preciso contar, para que não fechem ou polarizem a nossa procura. É um processo de objetivação e de reconhecimento da própria limitação e indigência, para que a pessoa se possa abrir a uma disponibilidade ativa, necessária para ouvir os outros e a Palavra de Deus.

2.4. *O discernimento se aprende praticando-o*, especialmente durante os EE, como processo reflexivo, após os momentos de oração. Um discernimento comunitário somente pode acontecer quando as pessoas estão familiarizadas com o método e o praticarem e confrontarem com outras pessoas.

2.5. *Avaliação permanente*. A avaliação permanente é uma característica de toda CVX e de seus membros, pois estes sabem que a vontade de Deus não se manifestou de uma vez e para sempre. Cada momento é um "aqui e agora", ao qual é preciso responder e aplicar aquilo que constitui a norma fundamental da vida: o evangelho de Jesus. Para ajudar a CVX e seus membros a conseguir esta atitude, é necessário que exista em cada encontro da CVX um momento dedicado à avaliação do passado (veja mais adiante: "Reuniões").

3. A CVX, COMUNIDADE PARA A MISSÃO: O SERVIÇO (PG 7,5)

A CVX é uma comunidade para a missão ou, como define o PG 7: "...para trabalharmos, com espírito de serviço, no estabelecimento da justiça e da paz entre os homens".

3.1. *Esta missão nasce do fato de os componentes da CVX serem membros do povo de Deus pelo batismo e, portanto, incorporados à vida de Cristo, que é a inspiração permanente de toda a existência da CVX, mas tal como se manifesta no evangelho: pobre e humilde*. Assim é como cada uma das pessoas que se integram numa CVX quer realizar a missão para a qual Jesus a chamou a formar parte de seu povo, sendo *testemunha dele*, mediante suas ações e palavras, com toda a sua vida, "para conseguir a renovação e santificação da ordem temporal".

Ser testemunha do Cristo pobre e humilde, como se descreve na meditação inaciana das Bandeiras (EE 147): como Jesus nos manifesta nas tentações do deserto (Mt 4,1-11).

Aquilo que determina a existência de uma Comunidade é o dom de si aos outros; se essa Comunidade é de vida, exige que esse dom não seja puramente ideológico ou verbal, mas que passe aos fatos da vida. Uma Comunidade de Vida Cristã tem necessariamente que tentar reproduzir, em sua vida, o dom de Cristo aos homens; um dom que foi total e exaustivo, até dar a vida por eles. Ele quer ser lembrado assim: "Amai-vos como eu vos amei... porque não

há maior amor do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,12-14). Para poder dar a vida assim, é preciso viver no desprendimento de muitas coisas, o que significa ir através da pobreza e da humildade. Valores que estão longe de ser assumidos por uma sociedade estruturada sobre o possuir, aparentar, mandar, sobressair...; sobre estes valores não se pode construir uma Comunidade, porque isolam o indivíduo, separam-no dos outros; estas pessoas são temidas pela sociedade e até odiadas como sujeitos potenciais de sua desgraça. Contra a solidão e isolamento implicados no egoísmo, a CVX propõe sua vida de Comunidade baseada no partilhar, a partir da humildade e do desprendimento.

3.2. *Por serem membros do povo de Deus, não se sentem isolados e desejam viver seu cristianismo formando um grupo, uma Comunidade que viva para dentro aquilo que depois será motivo de oferecimento para aqueles que os rodeiam. Por isso, a Comunidade é o motor da missão:*

- * Ajudando a dar sentido apostólico às coisas mais humildes da vida cotidiana.
- * Ajudando a discernir aquilo que é mais urgente e mais universal.
- * Impulsionando a trabalhar em: a) a reforma das estruturas injustas; b) a libertação dos marginalizados e discriminados; c) a supressão das diferenças entre ricos e pobres, lá onde elas se encontrem, mas primeiramente dentro da Igreja.

3.3. *A missão na CVX surge da interiorização das fontes de sua inspiração:*

a) *Os EE.* Nos EE aparece decididamente a missão para a qual Jesus envia seus escolhidos. Inácio nos coloca; já na Primeira Semana, após considerar a história do pecado [EE 53], "...imaginando Cristo N. S. sobre a cruz diante de mim... como, de Criador, veio a fazer-se homem, da vida eterna chegou à morte temporal... O que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo". E na Segunda Semana [91], Petição: "Não ser surdo ao seu chamamento, mas pronto e diligente". E nos n. 96 e 97, pergunta-se qual deve ser a resposta. Essa resposta não será outra senão amar e seguir a Jesus, que vem para realizar a vontade do Pai [102]: pregar o Reino de Deus aos homens. Reino que se apresenta com características difíceis de ser reconhecidas e aceitas e que vão ser motivo de resistência e luta, durante toda a vida (Bandeiras [146]), assim como o serão as suas conseqüências para aquele que

quiser ser fiel à vontade do Pai e rejeitar a tentação de um reino do mundo.

A missão das CVX, portanto, arranca de um cristocentrismo puro: o motor que as impulsiona é a pessoa de Jesus, que conquistou, em primeiro lugar, o coração dos membros da CVX. Cristo foi o seu perdão, a sua salvação e libertação; "arrancou-os das trevas e os transportou ao Reino da luz" (Cl 1,13); chama-os e deseja-os como colaboradores na extensão de seu Reino, mesmo conhecendo aquilo que são, porque saber-se pecador é uma condição prévia para ser um dos dele.

Os EE, na Terceira e Quarta Semanas, levam à identificação com Jesus, que chama para viver o Reino com ele, em todas as circunstâncias. A cruz é consequência do Reino, mas não é, de jeito nenhum, o fim; além dela, estão a ressurreição e a vida plena, que Jesus nos trouxe, para consolidar a esperança e levar a missão até o fim.

b) O Concílio Vaticano II confirmou a missão dos leigos na Igreja, em diferentes momentos, mas especialmente no decreto *Apostolicam actuositatem*.

O capítulo primeiro tem por título: "Vocação dos leigos ao apostolado"; em seu número 2, afirma expressamente: "A vocação cristã é, por sua natureza, também vocação para o apostolado".

A Igreja tem uma finalidade: a extensão do Reino de Cristo na terra (fraternidade que manifeste a paternidade de Deus, Pai de todos); e deve exercitá-la através de todos os seus membros, já que é um corpo vivo, no qual todos os seus membros são responsáveis, cada um ao seu modo, com um carisma peculiar: "Os leigos, participantes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo... realizam verdadeiramente o apostolado quando se dedicam a evangelizar e santificar os homens e animar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do evangelho". E isto não é uma concessão ou um modo de recrutar pessoas que substituam a escassez de vocações: "Os leigos derivam o dever e o direito do apostolado de sua união com Cristo-Cabeça. Pois, inseridos pelo batismo no Corpo místico de Cristo, robustecidos pela confirmação na força do Espírito Santo, recebem do próprio Senhor a delegação ao apostolado" (n. 3). É ele quem concede, a cada um, as qualidades particulares, "de maneira que cada qual, segundo a graça que recebeu, também a ponha a serviço de outrem e sejam eles próprios como bons dispensadores da graça multiforme de Deus (1Pd 4,10), para a edificação de todo o corpo na caridade (cf. Ef 4,16") (n. 3).

O Concílio Vaticano II enumerou também quais são os *fins* que é preciso atingir dentro do apostolado dos leigos (Decreto sobre o

apostolado dos leigos, cap. II) e coincide, inclusive na formulação, com a missão das CVX: "A obra redentora de Cristo... inclui também a instauração da ordem temporal. Portanto... não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las" (n. 5). Todas as coisas que constituem a ordem temporal têm um valor próprio, como coisas criadas e queridas por Deus: "Sim, tu amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito. E como poderia subsistir alguma coisa, se não a tivesses querido?" (Sb 11, 24-25). Todas as coisas recebem um valor especial, por serem elementos que colaboram com o homem em sua orientação para Deus. Mas esta orientação foi interrompida ao longo da história humana e, atualmente, assistimos a um desconjuntamento dessa orientação. Somos testemunhas dos estragos que essa ruptura trouxe consigo: guerras, doenças, ódios, sofrimentos, fome, escassez, escravidão, marginalizações... e um longo etc. que, por desgraça, nos assalta a cada dia, com novos episódios, cada vez mais terríveis.

A Igreja sofre esta imperfeição da humanidade e sente, como obrigação própria, o ter que "capacitar os homens para restabelecerem com retidão a ordem universal das coisas temporais e para orientá-la por Cristo a Deus" (n. 7). Nessa medida, "os leigos assumam a renovação da ordem temporal como sua função própria e nela operem de maneira direta e definida, guiados pela luz do evangelho e pela mente da Igreja, e levados pela caridade cristã".

c) As CVX encontraram sempre, numa passagem do evangelho de são Mateus (10,5-42: discurso da instrução apostólica), inspiração para sua atividade missionária. Nele, Jesus pede aos seus discípulos que atuem de forma a que o Reino de Deus seja conhecido mais por seus fatos e atitudes do que por suas palavras.

* Ações que deve realizar o enviado, em favor dos outros:

V. 8: "Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios". Vv. 12-13: "Ao entrardes na casa, saudai-a. E se for digna, desça vossa paz sobre ela".

São ações de libertação do homem acorrentado pela doença, o demônio ou a morte. É certo que, em quaisquer momento e circunstância, o homem pode descobrir e realizar o Reino de Deus; mas quando esse Reino é anunciado a quem está escravizado pelas forças do mal, este apenas entende a mensagem de fraternidade e solidariedade se o mensageiro se fizer irmão e solidário de sua dor e se não descansar até vê-lo, se possível, livre da sujeição ao mal. A CVX

sabe que a fraternidade e a solidariedade que vivem em si mesma devem ser o conteúdo da mensagem; ora, o seu anúncio se transforma em ações libertadoras, capazes de expressar e significar a presença de Jesus no meio dela.

* Atitudes interiores do enviado:

- GRATUIDADE: v. 8: "De graça recebestes, de graça dai".
- POBREZA: vv. 9-10: "Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforje para o caminho, pois o operário é digno do sustento".
- SIMPLICIDADE: v. 10: "Não vos procureis duas túnicas, nem sandálias..."
- PACIENTES E PACIFICADORES: v. 10: "...nem leveis cajado" (era a defesa própria).
V. 13: "Desça a vossa paz sobre ela".
- PERSEVERANÇA: v. 22: "Sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, será salvo".
- CONFIANÇA: vv. 19-20: "Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar... O Espírito de vosso Pai é que falará em vós".
- SEM MEDO: v. 28: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma".

São atitudes pessoais do enviado, que supõem uma assimilação e integração do Reino em sua vida. Aqui não existem voluntarismos, nem presunções; apenas aquele que fez de toda a sua vida um anúncio do Reino é que encontra em seu interior a força do Espírito, para viver assim e para aceitar o resultado que lhe é augurado. Aqui não há triunfalismos baratos; é dito claramente que serão odiados, encarcerados, julgados e mortos: não foi essa, por acaso, a vida do Mestre? Vv. 24-25: "Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor. Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor. Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares!"

Ninguém prometeu êxitos no anúncio do Reino; pelo menos, sucessos humanos para o enviado; o Reino surge como o crescimento das plantas, sem que ninguém saiba qual das sementes que semeou chegou a germinar e por que é essa aí e não a que estava ao seu lado. Ainda mais, em certas ocasiões, os homens, a sociedade, sentir-se-ão ameaçados em seus valores e virão a perseguição, o sofrimento e a dor: a cruz do Senhor se tornará, de novo, presente, voltará a se encarnar no enviado, para continuar a ser símbolo de

salvação e sinal da força do Reino entre os homens. V. 39: "Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida *por causa de mim*, vai achá-la". A luz da ressurreição ilumina, com sua força, a missão do Reino; é um trabalho de esperança pessoal e coletivo.

* A mensagem do enviado resume-se do seguinte modo:

V. 7: "Proclamai que o Reino dos Céus está próximo".

As atitudes e as ações do enviado confirmam e expressam aquilo que suas palavras dizem: "Isto é o Reino de Deus!", por muito diferente que seja de tudo quanto foi vivido. Ainda há lugar para a utopia; o homem pode ser livre e feliz se decidir aceitar a mensagem de Jesus, que vem para anunciar "o mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas" (Ef 3,9): que todos os homens são irmãos, filhos de um mesmo Pai, que os chama a participar na herança de seu Filho.

As CVX pretendem viver isso, primeiramente em si mesmas, a fim de poder ser testemunhas desse Reino incoado dentro da Comunidade, e anunciar sua presença como oferecimento gratuito a todos os que se encontram perto.

4. COMUNIDADE DE FÉ (PG 6, 8, 11): INTEGRAÇÃO, EVANGELHO E VIDA

Uma CVX que quer viver, dia a dia, a experiência dos EE, e em constante discernimento para encontrar o maior serviço aos homens, precisa de uma espiritualidade integradora do evangelho e da vida. É a "mística da ação", na qual a fé não é algo à parte da vida cotidiana, mas a luz e a força que iluminam e unificam toda a realidade, e a à luz da qual os acontecimentos cotidianos deixam de ser "profanos" (aquilo que afasta e distrai de Deus), para passar a ser os pontos de encontro e apelo onde o Senhor interpela e comunica sua exigência de dar uma resposta que sirva para construir o Reino de Deus, de amor e fraternidade. Desta forma, a contemplação inaciana "para alcançar amor", com a qual concluem os EE, torna-se vida. Quer dizer, trata-se de viver com "conhecimento interno de tantos bens recebidos" de Deus, para poder assim "em tudo amar e servir a Sua Divina Majestade" [EE 233]. A vida é um diálogo, no qual existe comunicação das duas partes, dando cada uma "o que tem ou pode". Desta comunicação, surge a vida compreendida como serviço. A esta forma de vida, Pe. Nadal, companheiro de santo Inácio, chamou-a "ser contemplativo na ação".

4.1. Para conseguir que esta forma de vida amadureça e cresça, a CVX pretende essa integração do evangelho e da vida através de suas reuniões, nas quais PARTILHA a ORAÇÃO e a VIDA.

Nelas, aprofundam-se o conhecimento e a aplicação do evangelho, mediante a reflexão e a oração de todos os membros da CVX, que se comprometem a vivê-lo no tempo que transcorre entre duas reuniões. Durante esse tempo, a oração e a vida de cada pessoa estarão orientadas a transformar em vida aquilo que foi refletido e orado, assumindo a tarefa de encarnar o espírito evangélico, tanto na sua vida familiar e profissional, como na missão apostólica que a cada qual tenha tocado desempenhar.

A reunião seguinte será um ponto de encontro, onde a Comunidade partilha a ORAÇÃO e a VIDA que cada um viveu, a partir da reunião anterior. Desta forma, constitui-se em Comunidade que dá graças a Deus pelas "maravilhas que operou nela", ou pede perdão pelas deficiências e obstáculos que apresentou à ação de Deus.

A CVX parte do evangelho para a vida, e a vida é o ponto central da reflexão evangélica; deste modo, leva seus membros a integrarem todas as dimensões de sua vida, para que possam viver unificados, centrados em sua personalidade humana e divina e, conseqüentemente, preenchendo sua missão concreta.

4.2. A CVX é também o *lugar de discernimento da vocação* de cada um. A Comunidade, quando partilha oração e vida, e vive um processo de discernimento, tanto grupal quanto pessoal, constitui uma ajuda muito valiosa para poder esclarecer a missão de cada membro da CVX. Supomos que toda CVX tem clara a sua MISSÃO, que não é outra senão a missão que Jesus trouxe a este mundo e que é aquilo que constitui o chamado do Rei eterno, dos Exercícios: realizar o Reino de Deus. Ou, dito de outra forma mais concreta: "o serviço da fé e a promoção da justiça que nascem dessa fé".

Contudo, cada CVX não tem por que ser um grupo que trabalhe como tal, numa *tarefa* concreta. É possível que cada pessoa se encontre sozinha e tenha que decidir, num momento concreto, qual deve ser seu modo de atuar, no meio social em que vive, a fim de que lá seja realizada sua missão de testemunha do Senhor.

A missão é sempre a mesma; a tarefa pode mudar, e mudará sempre que as circunstâncias mudarem. Sempre será preciso discernir. A CVX será o lugar onde cada um irá interiorizando a Palavra de Deus, e onde irá aprendendo a discernir, em sua própria experiência e na dos outros, para poder decidir, mais tarde, qual é a vontade de Deus no mundo e no tempo concreto em que vive.

4.3. MARIA, exemplo de vida (PG 8)

As CVX têm em Maria um exemplo de vida a imitar.

- * *Maria é MODELO PARA TODOS OS MEMBROS DE UMA CVX*, por causa de sua *entrega total*: quando, na encarnação, deu seu *FIAT*, pôs toda a sua vida à disposição do Senhor, para iniciar com ele uma colaboração na obra da salvação dos homens. Deste modo, sua *fé* (adesão total a seu Filho) é modelo de uma vocação leiga, que se compromete a fundo com a missão recebida.
- * *Maria é MÃE* da CVX, pois todos os membros confiam em sua intercessão, para o cumprimento de sua vocação, de acordo com a vivência nos colóquios dos Exercícios Espirituais.
- * *Maria é MEMÓRIA*. No seu *Magnificat*, Maria canta a lembrança constante da ação de Deus em cada pessoa e no seu povo, sempre em favor do simples e humilhado. Desta forma, ela é, para a CVX, um apelo a viver sua ação apostólica em favor daqueles que são objeto do olhar do Senhor: os pobres e os marginalizados.

4.4. Avaliação diária (oração sobre a vida)

Um instrumento essencial nas CVX, para conseguir essa integração evangelho-vida, é a "avaliação diária", que alguns chamam também de "oração sobre a vida". Com ela, realizada diariamente, pretende-se sintonizar oração e vida, de modo que a vida cotidiana (seus acontecimentos, encontros, palavras, reações interiores, pensamentos etc.) passe a ser contemplada com os olhos de Jesus. Acostumar cada membro das CVX a ter este momento diário de reflexão-oração é levá-lo pelo caminho do discernimento e do aprofundamento das atitudes espirituais dos EE: "Ser pecador, mas salvo, querido e chamado a ser colaborador no Reino de Deus".

Entre outros, podem ser apresentados três objetivos gerais:

- Tornar a pessoa capaz de *avaliar* os acontecimentos da vida, tal como Jesus o faz, e de se acostumar a julgá-la com os critérios do Senhor, e não com os da sensibilidade (o gosto ou desgosto sensíveis; o "agrada-me ou não me agrada", que, em muitas ocasiões é um critério mais espontâneo, no meio de um mundo consumista). Em definitivo, é a vivência diária e reflexiva do Princípio e Fundamento: "As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem e para o ajudarem na consecução do fim para o qual é criado" (EE 23).
- Integrar toda a vida na história da salvação. É ver tudo o que acontece dentro do plano de Deus; portanto, como "ape-

- los" provocativos a realizar, nesse instante, o Reino de Deus, prescindindo de outras considerações.
- Amar a vida como ele a ama: "Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, amigo da vida. Todos levam teu espírito incorruptível" (Sb 11,26s.). Devolver o otimismo e a esperança, para seguir tentando realizar o plano salvífico de Deus, em meio aos acontecimentos, embora a cruz se apresente como consequência dessa luta para viver como Jesus.

* Apresentamos um breve esquema, que pode ajudar a realizar esta avaliação diária:

A AVALIAÇÃO DIÁRIA: ORAÇÃO SOBRE A VIDA

Torno consciente a minha realidade

- Estou diante do Pai, meu Criador, que me deu tudo o que sou e tenho.
- Estou diante de Jesus, que é o meu irmão, meu modelo.
- Estou com o Espírito que fala e atua em mim.

1. *De que coisas devo hoje dar graças?*

Algo concreto do dia de hoje, no qual posso ver a presença de Deus:

- Pessoas com as quais me encontrei.
- Acontecimentos nos quais me encontrei envolvido.
- Afetos que suscitaram em mim.

Não se trata agora de avaliar se é bom ou mau, nem se foi agradável ou desagradável. É bom constatar que tudo isso faz parte do plano da salvação de Deus, no qual me tocou viver. O dia de hoje já não se vai repetir. O tempo avança; amanhã não é um outro hoje.

- Esta foi a minha vida, aquela que o Senhor ama.
- Obrigado, Senhor!

2. *Como devo ver minha vida?*

Tudo o que hoje me aconteceu passou diante do Pai e do Filho, com o Espírito no meu interior. A minha maneira de vê-lo, coincide com a maneira como Deus o vê?

- Preciso da luz de seus olhos, para ser sincero perante a minha vida.
- Devo ser objetivo, para não me enganar; para não ser iludido, mas tampouco um irresponsável.
- Apenas o simples de coração pode se apresentar diante do Senhor, com a vida nas mãos: assim é; assim tu a amas!

A oração de petição nasce confiante, para pedir: luz, simplicidade, objetividade para alguém se encontrar tal como ele é; sem necessidade de esconder-se do Senhor, porque se sente confiadamente, em sua presença, objeto de seu carinho indefectível.

3. *Qual foi a minha vida?; reações interiores: desejos intenções...*

Perante aquilo que nos acontece a cada dia, todos reagimos, umas vezes de forma instintiva ou inconsciente, outras com reações conscientes: a favor ou contra; com indignação, ira e violência, ou com carinho, afeto, compreensão, tolerância etc. Isto vai produzindo em nós, ao longo do dia, estados de ânimo (umas vezes duradouros, outras passageiros) que são o pano de fundo sobre o qual vão caindo todos os nossos pensamentos e acontecimentos da vida. Deles depende, em grande medida, nossa forma de reagir, após tudo o que foi acontecendo ao nosso redor. Por isso, é muito conveniente conhecer nossas reações, inclinações etc., porque vão ser, ou podem ser, o filtro ou o disfarce dos apelos de Deus. É isto o que Inácio nos pede em sua meditação sobre os pecados, quando nos indica no colóquio (EE 63): "Que sinta um interno conhecimento de meus pecados... a desordem de minhas ações... as coisas mundanas e vãs". Para uma pessoa que se dispõe escutar o apelo do Senhor e discernir o que for para maior glória dele, os ruídos que podem suplantam esse apelo são esses sentimentos ou estados de ânimo, que não se sabe donde procedem nem para onde levam. Por isso:

- Nas relações com os outros (família, amigos, trabalho...)
Que sentimentos, estados de ânimo... experimentei?
Para onde me inclinam: pessimismo, otimismo...?
Como aconteceram?
Reagi perante eles, controlando-os...?
- Nas relações com Deus:
Sinto Deus presente neste mundo? Próximo a mim?
Dediquei algum tempo para estar em sua presença?
Como me encontro hoje perante ele?

4. *Como me sinto, com minha vida, perante Deus?*

A experiência de alguém se sentir ele próprio, sem máscaras e sem ficções, perante um outro que o vê tal como ele é, só pode ser

suportável com a segurança de ser aceito e querido. Ninguém pode tolerar uma imagem degradada de si próprio. Aliás, isso não é algo objetivo, pois, ao longo do dia, faremos muitas coisas boas e outras não tão boas ou inclusive más.

Por isso, perante o Senhor da vida, as palavras do livro da Sabedoria tornam-se, uma vez mais, presentes:

“Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, amigo da vida! Todos levam teu espírito incorruptível: Mas te compadeces de todos, pois tudo podes, fechas os olhos diante dos pecados dos homens, para que se arrependam” (Sb 11,23-26).

Essa experiência de acolhida, salvação e chamado é o centro da Primeira Semana dos Exercícios e será o motor do exercitante que se encontre com o chamamento do Rei. Por isso, é preciso renovar, cada dia, a segurança da acolhida e do perdão, com alegria por sentir a Deus como:

PAI que recebe e acolhe com misericórdia (filho pródigo, Lc 15,11-32).

FILHO, que continua a chamar, para sermos testemunhas dele perante o mundo.

ESPIRITO que move e dirige a vida toda.

— Dar graças ao Senhor pelo perdão outorgado.

— Sentimento de ser limitado e pecador.

— Alegria de ser chamado e escolhido, sendo tal como sou.

5. *Como vou responder em minha vida?*

A força que produz o sentimento de perceber-se, simultaneamente, pecador e perdoado-escolhido, conduz à decisão de encontrar onde e como se pode responder, do melhor modo, a esta escolha, que não é outra senão a construção do Reino, através dos momentos da vida cotidiana.

Exige um esforço de concretização: indicar em que pontos ou momentos da jornada e dias próximos podem-se apresentar situações nas quais apareça um maior empenho por responder a esse apelo do Senhor. O qual não é “simples propósito” voluntarista: “Tenho que fazer isto ou aquilo...” O esforço para concretizar não é outra coisa senão uma tentativa de descobrir onde aparecem a urgência ou a necessidade maiores e, através delas, o chamado do Senhor; mas a conduta concreta não está predeterminada, porque o momento ainda não se produziu e, portanto, a resposta terá que ser a mais adequada àquilo que o momento requiser.

— Onde estão a maior necessidade e a maior urgência?

— O que é que o Senhor me pede: como poderei responder?

6. PAI-nosso

Esta oração sobre a vida termina com a oração que o próprio Jesus nos deixou, na qual renovamos os sentimentos que, durante esses momentos, fomos desfiando.

Pedimos a Deus que apareça como Pai de todos os homens, por meio de nossa atividade, por nos sentirmos irmãos. É essa a vontade dele, para aqueles que vivemos nesta terra, como a estão vivendo já os que gozam na sua presença no céu; é o Reino que todos desejamos ver realizado já, embora seja de forma imperfeita, pois é aquilo que constitui a verdadeira glorificação de seu nome: Pai. Este nome aparecerá, ante todos, como real, quando os filhos, seus filhos, formos verdadeiramente irmãos e, por isso, sacramento ou sinal de sua paternidade e de seu amor universal para com todos os que o invocam desse modo.

E isto que pedimos nas primeiras invocações (que sua paternidade seja verdade em nossa fraternidade) tem uma forma muito concreta de ser realizado na vida dos homens:

- *Partilhando* tudo o que temos, contra o açambarcamento egoísta.
- *Perdoando* as ofensas, contra o ressentimento e o orgulho.
- *Rejeitando* a tentação do maligno, que nos impulsiona à consecução dos valores opostos: posse, honra, soberba...

Desta forma, unimos nossa oração de filhos com a oração do Filho, para que ela seja norma e guia da nossa.

4.5. A DIREÇÃO ESPIRITUAL (PG 4,11)

Entre os meios que a CVX coloca à disposição de seus membros, está a *direção espiritual*. Insistimos na orientação e pedagogia dos Exercícios Espirituais e, concretamente, no discernimento espiritual, para que cada pessoa e cada Comunidade possam buscar e encontrar a vontade de Deus em sua vida e no serviço aos outros. A mesma dinâmica que constitui a força dos Exercícios é aquela que deve ser vivida fora deles; e entre os elementos importantes, está o acompanhamento espiritual de cada pessoa.

Este acompanhamento é o que vai tornando possível que os meios espirituais comuns a toda vida cristã (oração pessoal e vida sacramental) sejam dirigidos para conseguir essa integração entre vida de fé e vida ordinária (evangelho e vida).

O diretor espiritual dos membros de uma CVX deve ser uma pessoa experimentada na vida interior, especialmente no discerni-

mento espiritual. Normalmente será um sacerdote; mas, se houvesse algum leigo capaz de o fazer, não haveria nenhum empecilho.

É possível que o diretor dos membros de uma CVX seja o próprio assessor eclesiástico da Comunidade, mas também pode não sê-lo. O assistente da Comunidade tem a vantagem de conhecer por completo o ambiente da pessoa, por causa de sua participação, e as reações da própria Comunidade.

4.6. VIDA SACRAMENTAL (PG 11)

Na CVX, a vida sacramental (Eucaristia e reconciliação) pode ser vivida comunitariamente, com uma certa freqüência. Não falamos da participação de cada membro nesses sacramentos, pois o ritmo será marcado pela exigência e o crescimento próprio, e discernido tanto em Comunidade como pessoalmente, com o diretor espiritual.

A vivência sacramental comunitária é expressa na CVX, tanto na Eucaristia quanto na reconciliação, tornando-se consciente da presença de Cristo, centro de sua vida. Por isso, a CVX participa (quer sozinha, quer com outras Comunidades) nessas celebrações, tanto se são organizadas esporadicamente, quanto se o são, de um modo concreto, como Eucaristia dominical para as Comunidades.

4

REUNIÕES DE UMA CVX

A reunião é o momento em que a CVX se constitui como tal. É a ocasião em que a Comunidade vive momentos intensos e decisivos para a caminhada: é um grupo de escuta, de amizade, de partilha de oração e vida, de discernimento etc. Mas tudo isso se articula de forma a conseguir o objetivo principal: servir de instrumento para a integração do evangelho na vida ou, dito de outro modo, levar adiante o processo dos Exercícios Espirituais, pessoal e grupalmente.

Nas CVX, não existe um tipo único de reunião; antes, deve-se levar em conta qual é a verdadeira finalidade delas, para escolher, em cada momento, o mais indicado, sem deixar-se levar pela facilidade ou a improvisação. Em cada momento ou etapa do processo de crescimento de uma CVX, será preciso estudar qual é a proporção devida de um tipo ou do outro.

1. TIPOS DE REUNIÃO

Existem dois tipos de reunião: a) aquela que gira ao redor de um tema ou texto evangélico; e b) a revisão de vida, cujo assunto principal é um acontecimento ou situação vivencial de um dos membros do grupo ou a marcha do próprio grupo.

2. AMBIENTE DAS REUNIÕES

As reuniões precisam de um ambiente grupal, no qual seja possível partilhar a vida; deve reinar, portanto, um clima de acolhida, de

interesse pelo que os outros dizem, e de abertura para aceitar o que eles comunicam, assim como responder com total sinceridade e simplicidade.

3. OBJETIVO DAS REUNIÕES

O centro da reunião é partilhar a experiência de vida dos membros das CVX, *aquilo que vivem* e como o vivem. Quer dizer, como vão integrando sua fé cristã em sua vida real: suas dificuldades, suas vitórias, sentimentos que se produzem neles, sentido dos acontecimentos... etc.

4. PARTES DE UMA REUNIÃO TEMÁTICA

4.1. Preparação

- O momento ou etapa em que o grupo se encontra.
- Matéria mais apta para conseguir o fim que se pretende: reforçar uma atitude, fazer progredir...
- Texto evangélico que se utilizará na oração e como base para a partilha.
- Pontos e aplicações práticas que servirão como guia para a semana, até a reunião seguinte.

4.2. Acolhida (5min)

O guia deve ter preparado tudo o que se refere à infra-estrutura do local, para que, uma vez chegada a hora, os membros se possam reunir adequadamente. É preciso insistir em:

- Pontualidade de todos, primeiro serviço à CVX.
- Criar um bom ambiente de cordialidade, interessando-se uns pelos outros.
- Não prolongar excessivamente este momento.

4.3. Oração inicial (5min)

É muito conveniente iniciar a reunião com um momento de oração, para criar um clima de escuta da Palavra de Deus, e para que cada qual pacifique o seu interior e possa atualizar a experiência vivida durante a semana e que vai ser objeto da colocação em comum.

4.4. Partilha (45 a 60min)

É um momento de grande importância na vida do grupo.

* Quando um grupo começa, apresenta dificuldades, por causa da tendência natural que temos de ocultar a nossa vida. Contudo, é isso que faz com que o grupo vá adquirindo coesão, conhecimento e confiança mútuos.

* Quando um grupo já está iniciado e os participantes conseguem um bom nível de confiança, o perigo está em se prolongar demais esta parte, em detrimento das outras.

É muito conveniente que as comunicações sejam:

— *Verdadeiramente vivenciais*: de experiências e não de idéias, teorias ou dificuldades teóricas. Isto é uma evasão para não abrir a vida própria aos outros.

— Feitas num *clima de oração* e, portanto, de presença de Deus. O Senhor se comunica através do outro.

— *Universais*: todos devem participar, sem açambarcamentos nem inibições, embora sem se sentirem obrigados a fazê-lo.

— *Livremente expressas*, sem medo nem censura, a fim de que possam ser sinceras. Ninguém julga, discute, nem avalia: cada um procura receber e partilhar aquilo que foi a verdade de sua vida. O outro é diferente de mim.

— *Não se interrompe* aquele que está falando.

No fim, o responsável deve propor, como síntese do que foi escutado, os sentimentos que apareceram e o seu "enquadramento" dentro do processo formativo do grupo, para que a Comunidade considere qual deve ser o próximo passo a ser dado: a) repetição ou b) avanço.

4.5. Proposta da reunião seguinte (20 a 25min)

* *Breve introdução*: o guia deve fazer um *resumo* do que considera ser o momento atual do grupo; simultaneamente, deve construir uma *montagem* que sirva de passo para o que vai propor como tema para o dia seguinte, de modo a dar pistas de leitura.

* *Oração individual*: cada pessoa escuta o texto ou trecho evangélico e procura orar com ele, deixando-se interpelar pela Palavra de Deus.

* *Oração partilhada*: não se trata de continuar a reunião anterior, mas de preparar, todos juntos, aquilo que vai constituir a matéria de oração e vida, até a reunião seguinte. São os *pontos* para a semana, indicando algumas aplicações práticas, sugestões, ou perspectivas que a cada um impressionaram mais.

4.6. Orientação de vida

(Trabalho para a semana) (5min)

É feita pelo guia do grupo, e consiste numa série de questões, sugestões ou aplicações práticas que, tomando como base o texto evangélico meditado anteriormente e as contribuições feitas na oração pelo grupo, sirvam de matéria de oração e avaliação diária aos membros do grupo, até a próxima reunião.

É conveniente que o guia leve já preparadas estas "pistas", a fim de evitar toda improvisação, e para que elas se encontrem no mesmo nível do grupo.

4.7. Avaliação

- A avaliação é um traço característico de toda reunião de CVX e, por isso, não deve faltar nunca. A razão está em que, através da avaliação, pretende-se *iniciar o processo de discernimento espiritual*; daí que seja preciso esforçar-se para que cada pessoa do grupo seja capaz de reconhecer e expressar os sentimentos que se produzem em seu interior e as mudanças que experimenta.
- Em segundo lugar, a avaliação permite *reconhecer o ritmo de vida* do grupo. É o momento da objetividade para corrigir, estimular ou frear a marcha do grupo ou das pessoas: os mais rápidos, lentos...
- É igualmente uma forma de *corrigir defeitos pessoais*, com toda a caridade e compreensão: aqueles que falam demais, aqueles que falam pouco, os teóricos, os que interrompem os outros, os que não escutam com atenção etc.
- O guia também deve ser avaliado em sua participação e no trabalho de animação do grupo. Pelo menos, de vez em quando ou quando o grupo achar conveniente.
- *Tipo de esquema para a avaliação*. Não precisa ater-se rigidamente a ele. As que se seguem são apenas sugestões:
 1. Como me senti hoje no grupo?
 - À vontade ou constrangido... POR QUÊ?
 2. Fui capaz de comunicar minhas vivências e sentimentos?
 - Com dificuldade, grande dificuldade? POR QUÊ?
 - Com muita facilidade, pouca facilidade? POR QUÊ?
 3. Compreendi bem e aceitei os outros?
 - Sim. Em geral. Em algum caso. Quando? Como?
 - Não. Mais ou menos. POR QUÊ?
 4. A participação no grupo.
 - Houve alguém que açambarcou a reunião toda? Vários?

- Falou-se demais? Houve escuta? Interrupções?
 - Alguém ficou marginalizado? Quando? POR QUÊ?
 - Houve "ausentes", desinteressados, distraídos?
 - Introduziram-se conversas evasivas? Quando?
5. A minha participação nesta reunião.
 - Tomei a iniciativa?
 - Tive alguma oposição de outro ou de outros?
 - Procurei evitar os problemas ou os encarei com simplicidade?
 - Fui ativo ou espectador? POR QUÊ?
 6. Percebo que houve progresso, avanço...
 - NA: amizade, compreensão mútua, abertura, sinceridade, compromisso de vida, resposta à orientação de vida...
 - QUANTO: Muito, pouco ou nada?
 7. O conteúdo da reunião (a orientação de vida)
 - Confuso? vago, impreciso? claro, concreto? rico? adaptado ao grupo?
 - As contribuições foram: concretas? vivenciais? relacionadas e adaptadas à vida?
 8. Compromisso pessoal.
 - A reunião de hoje levou-me a um maior compromisso com Cristo, com seu Reino? em que ponto?
 - Serviu-me de estímulo e alento para algo concreto?
 9. Sugestões concretas.
 - É muito conveniente que o responsável ajude inicialmente o grupo, valorizando o positivo e criando um ambiente de confiança e liberdade para todos.

AVALIAÇÃO DA VIDA DA COMUNIDADE

NIVEL PESSOAL

- Preparei o tema, antes de ir à reunião, assiduamente, sem pressa?
- Serviu-me para fazer algum tempo de oração-exame?
- Encontrei algo que iluminasse a minha vida?
- O que é que mais me tocou?
- Quais são os sentimentos que tive mais freqüentemente antes das reuniões?: alegria, paz, remorso etc.
- Poderia indicar algumas idéias que me produziram esses sentimentos?
- Existe alguma idéia ou ponto que acho mais difícil de aceitar?
- Conheço melhor as pessoas?

- Com quem me identifico mais?
- Como foram as minhas intervenções? longas, esclarecedoras, polêmicas, cooperadoras, pedantes...
- As minhas intervenções foram positivas para o grupo?
- A que se devem os meus silêncios? e os dos outros?
- Interessei-me pelo que os outros diziam? perguntei ou pedi esclarecimentos, para favorecer a expressão de outros?

NÍVEL GRUPAL

- Existe maior coesão no grupo?
- O grupo atua com confiança e aceitação de todos?
- O grupo me impede de falar ou de me expressar?
 - Por causa do número de pessoas.
 - Pelas reações que vejo em outras pessoas.
 - Pelos comentários que se fazem no grupo.
 - Pela falta de aceitação.
 - Porque não se guarda segredo sobre o que se diz.

NÍVEL ORACIONAL

- A oração do grupo me ajudou? Como?
- Os meus tempos de oração fora da reunião: como foram?
- Cresci no desejo de orar?
- Encontro mais facilidade para fazer oração?
- Estou fazendo com gosto a "oração sobre a vida" cotidiana?
- Sinto maior facilidade para discernir as minhas moções internas?

NÍVEL TESTEMUNHAL

- Produziu-se alguma mudança na minha vida?
- Estou mais consciente do compromisso de minha vida?
- Sinto alguma inclinação especial para ajudar a outros, num outro lugar?
- Cresce em mim o desejo de maior entrega aos mais necessitados?

5. A REUNIÃO DE "REVISÃO DE VIDA"

Nas CVX, todas as reuniões têm um caráter comum, de partilhar experiências vitais, de unificar evangelho e vida e de procurar a vontade de Deus, para cada um dos participantes. Contudo, a "revisão de vida" é, talvez, um momento privilegiado para acentuar cada um destes aspectos. Existem grupos de CVX que, dentro de sua programação, incluem uma revisão de vida, a cada três ou quatro reuniões normais.

Os momentos específicos de uma revisão de vida são (Cf. SURVEY, 1981):

* *Escolha do evento ou acontecimento*

- Escolhe-se um acontecimento (pessoal ou grupal) que exija uma decisão pessoal (para um membro do grupo) ou grupal (para encontrar um acordo entre as diferentes propostas existentes; p. ex., incorporar um novo membro ao grupo: ou esperar algum tempo. Se houver vários assuntos, escolhe-se o mais urgente.
- Exposição do evento ou acontecimento, com clareza e toda a informação possíveis.
- Roda de perguntas esclarecedoras, para comprovar uma exata compreensão do assunto por todo o grupo.

* *Escuta*

(Atitude que deve presidir este momento):

- É preciso que cada pessoa do grupo se sinta com liberdade interior e respeito perante o acontecimento. Corresponde a uma atitude de *indiferença inaciana*: "Esforçando-se por não querer aquilo nem outra coisa qualquer, senão a impulsionar unicamente o serviço de Deus Nosso Senhor, de modo que o desejo de melhor poder servir a Deus Nosso Senhor a mova a tomar a coisa ou a deixá-la" [EE 155].
- Esta "indiferença" deve compreender dois níveis; tanto o:
 - nível objetivo: as circunstâncias, conseqüências previsíveis, pessoas a quem pode afetar;
 - como o nível subjetivo: a forma de ser vivido o momento pela pessoa afetada: com alegria, medo, angústia...

• *Procura:*

Toda CVX ora à luz da Palavra de Deus, sobre o que foi escutado e recebido, procurando encontrar alguma luz sobre o acontecimento ou as suas alternativas: que decisões são as mais adequadas aos critérios evangélicos? podem-se aplicar neste momento? em que grau? podem fazer crescer o Reino de Deus? etc. Que elementos positivos e negativos existem? como me sinto perante eles e perante Cristo Jesus?

• *Intercâmbio:*

Cada pessoa manifesta como vê a situação e aquilo que sentiu na oração. É uma contribuição para que a pessoa interessada ou o

grupo possam chegar a tomar uma decisão. Não se trata de dizer aquilo que cada qual faria nessas circunstâncias, pois não é essa pessoa quem vai realizá-los. O interessado não está eximido de tomar uma decisão.

• *Resposta:*

Uma vez escutado aquilo que o grupo disse, inicia-se um tempo de oração pessoal, no qual o interessado trata de encontrar a solução ou a decisão. Os outros oram por ele, para que sua decisão seja acertada e seja aquilo que mais convém para o maior serviço do Reino de Deus.

Se, no fim, o interessado chega a uma "resposta" ou solução, comunica-a à Comunidade, para que ela confirme aquilo que foi achado. Esta apresentação da solução ou decisão, para sua confirmação pela Comunidade, pode ser adiada, caso não se chegue, nesse momento, a uma solução ou decisão.

5

AS FUNÇÕES DENTRO DE UMA CVX

(PG 13)

Os princípios gerais enunciam do seguinte modo as funções que existem no interior das CVX: "A principal responsabilidade da coordenação de um grupo recai sobre uma equipe de dirigentes, composta por responsáveis eleitos pelos membros e do assessor (assistente eclesialístico) nomeado pela autoridade competente" (n. 13). São, portanto, duas as funções que se encontram em toda comunidade e recebem diversidade de nomes: a primeira é a de RESPONSÁVEL, também chamado animador, monitor e guia. A segunda é a de ASSESSOR ou assistente eclesialístico.* Finalmente, se num centro (paróquia, colégio, centro da juventude ou pastoral...) existem várias CVX, pode-se constituir uma diretoria, com os cargos que forem necessários, todos eles constituídos por eleição dos membros que formam as Comunidades.

1. O ANIMADOR (ACOMPANHANTE, ASSESSOR, GUIA, COORDENADOR, RESPONSÁVEL)

Para o seu funcionamento, todo grupo necessita de uma série de funções muito precisas, sem que se possa dizer que umas são

* Adotamos aqui o termo RESPONSÁVEL por ser aquele que figura na edição brasileira dos Princípios Gerais (Coleção Ignatiana, n. 13). No Brasil, no entanto, o termo mais empregado para esta função é o de COORDENADOR. Quanto ao ASSESSOR, mantém-se, entre nós, a mesma denominação. Diz-se ASSISTENTE NACIONAL do responsável pela animação de todas as CVX de um mesmo país (n. do t.).

mais importantes do que as outras: todas devem existir, mas elas nem podem ser assumidas por uma única pessoa, nem podem encarnar-se em todos e cada um dos membros. O grupo deve distribuir estas funções, para que todas estejam presentes, sem omissões, mas também sem confusões.

Quando um grupo começa, apresenta-se uma liderança única; na medida, porém, em que o grupo vai crescendo, essa liderança deve ser partilhada. É muito freqüente, ainda mais com jovens, que os inícios do grupo sejam devidos a um convite pessoal do "assistente eclesiástico", que seguirá atuando como líder único, até que o grupo chegue a adquirir a sua maturidade.

As CVX são um movimento de leigos e, portanto, uma das principais preocupações deve ser formar pessoas capazes de iniciar e conduzir grupos, com responsabilidade, pelo caminho desta vocação.

Vamos ver como se concebe, nas CVX, essa pessoa capaz de iniciar e acompanhar grupos, em seu processo de amadurecimento.

1.1. Traços pessoais

- É uma pessoa que tenta viver sua espiritualidade CVX, para poder comunicar ao seu grupo, antes de tudo, a sua experiência: (o que foi dito no capítulo 3.º). Como um modelo.
- Pertence a uma comunidade, como membro CVX, quer leigo, jesuíta, religioso/a, onde vive sua experiência, participando, com todos, na vida de sua Comunidade.
- Vive e conhece a espiritualidade dos Exercícios Espirituais, por tê-los realizado e estudado, na teoria e na prática (acompanhando a quem os dá, e dando-os aos outros).
- Estuda e possui um conhecimento básico da Sagrada Escritura, principalmente do Novo Testamento, para poder fazer dele a fonte de inspiração de sua vida.
- Possui um sentido profundo de sua pertença à Igreja, povo de Deus e, conseqüentemente, de sua missão de formar o Reino de Deus neste mundo, promovendo o serviço da fé e a luta pela justiça que nasce dessa fé.
- Está aberto a todas as necessidades e atividades de outras comunidades locais, regionais ou nacionais... quando for chamado a colaborar com elas.
- É capaz de trabalhar em equipe com outros líderes de grupos, sem ciúmes nem egoísmos, tendo somente por objetivo o bem das comunidades e das pessoas que lhe estão confiadas.

1.2. Funções na reunião CVX

* Preparação

- O responsável é aquele que assume a responsabilidade para que todos sejam avisados do dia, lugar e hora da reunião, e de que tudo esteja pronto para a reunião que se vai celebrar. Esta função é delegável a uma outra pessoa do grupo.
- Deve trocar idéias com o assessor eclesialístico (quer antes de cada reunião, quer a cada duas reuniões), sobre o tema da reunião, momento em que o grupo se encontra, problemas surgidos, soluções dadas etc. Estas reuniões são muito importantes para a preparação de responsáveis experimentados. Serão menos necessárias na medida em que o responsável vá ficando mais veterano.
- Utilizar e avaliar o material comum disponível para as reuniões.
- Enriquecer, com sua experiência, o fundo de materiais que se possui em comum com outros responsáveis.

* Realização

- Com as pessoas:
 - Conhecer e aceitar cada uma das pessoas do grupo e fazer com que elas se sintam também aceitas por ele.
 - Interessar-se por tudo o que acontece às pessoas do seu grupo e tentar ajudar com atividades ou contatos fora do grupo (visitas oportunas, encargos etc.).
 - Não ser possessivo, mas aberto e desprendido, a fim de buscar o melhor para as pessoas do grupo; p. ex., enviando a um outro assessor ou diretor espiritual, se for necessário.
 - Motivar e estimular todos à prática da "avaliação cotidiana ou oração sobre a vida".
- Com o grupo:
 - Participa e vive com prazer a vida da Comunidade, estando dentro dela, partilhando suas experiências pessoais com os outros.
 - Não impõe suas opiniões.
 - Cria ambiente de escuta e confiança entre todos, fazendo com que todos se sintam acolhidos e aceitos; um ambiente capaz de fazer crescer as pessoas na maturidade de sua fé e na integração na vida ordinária.
 - Dá segurança ao grupo. Sabe aquilo que faz e por que o faz. Não improvisa, nem as situações o pegam de surpresa, porque tem uma idéia clara das metas CVX e sabe estabelecer os meios para atingi-las.

- Trata a todos igualmente, sem parcialidades.
- Modera a marcha da reunião...
 - Dando a palavra a quem a pede.
 - Perguntando, para promover a participação de todos.
 - Evitando discussões inúteis ou discursos teóricos ou moralizantes.
 - Centrando os temas: impedindo as divagações.
 - Apresentando diversos resumos do que foi dito...
 - Evitando que haja pessoas que falem demais e outras que não participem.
 - Moderando a marcha do grupo, para que não haja uns que vão muito rápido e outros muito lentamente.
- Observa o que acontece no grupo: que relacionamentos se estabelecem inconscientemente entre os membros do grupo: rejeições, convivências, identificações etc. Também os papéis que cada pessoa desempenha no decorrer da reunião, ajudando-a a tomar consciência disso.
- Valoriza as contribuições de cada pessoa naquilo que têm de positivo para o grupo e faz com que sejam valorizadas pelos outros.
- Informa o grupo daquilo que precisa para poder continuar a sua caminhada: dados perante uma decisão, explicação da situação que o grupo vive etc.
- Toma iniciativas (sobretudo nos inícios) de atividades fora da reunião: retiros, encontros com outras CVX, celebrações festivas...
- Acrescenta elementos de vida cristã de fora do grupo: notícias de outras comunidades, da Igreja universal, problemas surgidos etc.
- Fomenta o crescimento no serviço e a missão aos outros, apresentando petições de ajuda ou lugares de necessidades urgentes.
- Reflete freqüentemente sobre a vida do grupo: seu estilo, ritmo, profundidade, nível de exigência, necessidades... crescimento do espírito de serviço, fineza e sensibilidade perante as necessidades urgentes do grupo, pessoas do grupo necessitadas de ajuda.
- Caminha um passo à frente do grupo, para abrir-lhe o caminho.
- Sugere ao grupo tudo aquilo que considera capaz de ajudá-lo, tanto para as reuniões quanto para a vida ou a atividade apostólica.

Talvez, ao ler todas as funções, traços etc., possa parecer que o responsável deva ser um especialista em muitas coisas, mas não

é assim. Quanto mais capacitado estiver, por ter realizado cursos de aprendizado das diversas matérias, melhor; mas não se trata disso, e sim de ter um grande desejo de ajudar a Comunidade que lhe é confiada, e de procurar transferir a sua experiência — refletida e conferida com os outros companheiros, a marcha do grupo — desejando ser um colaborador atento à ação do Espírito Santo.

2. O ASSESSOR ECLESIAÍSTICO (ASSISTENTE)

Nos Princípios Gerais, menciona-se o assessor eclesiástico nos n. 13, 14 e 21:

“A principal responsabilidade da coordenação de um grupo recai sobre uma equipe de dirigentes, composta por responsáveis eleitos pelos membros, e do assessor (assistente eclesiástico), nomeado pela autoridade competente” (n. 13).

“O assessor participa ordinariamente na vida do grupo; é antes de tudo responsável pela formação cristã do grupo e por ajudar seus membros a descobrir os caminhos de Deus...

...responsabilidade especial no que se refere à doutrina, à pastoral e à harmonia própria de uma comunidade cristã” (n. 14).

“O assistente eclesiástico de um grupo é um sacerdote; mas sua função, em casos especiais, pode ser delegada pela autoridade competente a qualquer outra pessoa qualificada” (n. 21).

2.1. Em primeiro lugar, sublinhar seu caráter sacerdotal, mas não como condição indispensável, já que, em certos casos, poderia dar-se uma substituição por uma outra pessoa, que reúna as características verdadeiramente importantes: a) doutrina, b) pastoral e c) harmonia do grupo, a partir de uma consideração objetiva dele ou, segundo expressa também o princípio n. 14: “A formação cristã e a ajuda aos membros a descobrir os caminhos de Deus”.

2.2. O seu trabalho na CVX compreende, segundo *Tobie Zakia*, presidente da Comunidade Mundial, três aspectos básicos:

- A pessoa
- A comunidade
- A missão.

Simultaneamente, porém, estes são aspectos que devem influenciar-lhe também. O assessor não é um espectador, nem também

uma pessoa que vá "fazer apostolado" na CVX; sua relação "deve basear-se numa exigência recíproca, fraternal e carinhosa" (T. Zakia).

— Deve ser uma pessoa que *conheça os Exercícios Espirituais* e que saiba dá-los de modo personalizado, quer dizer, que estabeleça uma relação, tal qual é pedida por santo Inácio nas *Anotações*:

- Saber "dar modo e ordem para meditar e contemplar".
- Seguir e acompanhar aquele que faz os Exercícios.
- Dar ânimo e confiança em todo momento.
- Discernir, junto com o exercitante, aquilo que acontece em seu interior.
- Dispor as coisas para que aquele que se exercita encontre aquilo que Deus quer dele, sem desviar-se para uma parte ou outra.
- Criar um clima de confiança mútua, no qual se estabeleça uma comunicação íntima com aquele que faz os Exercícios. Para tanto, é preciso *saber escutar*.
- Avaliar a capacidade e o ritmo de progresso espiritual dos exercitantes, a fim de acomodar os Exercícios às forças e necessidades deles, de modo que "possam ser levados descansadamente e com proveito".

— Dedicar-se à *formação de responsáveis leigos*. Já indicamos anteriormente o que é e o que deve fazer cada responsável. Formar um responsável não consiste unicamente na realização de um curso breve (também terá que fazê-lo), mas em algo mais profundo, como seja:

- a) Acompanhamento espiritual da Comunidade à qual pertencem os responsáveis, e direção espiritual dos mesmos: direção nos Exercícios Espirituais e fora deles.
- b) Acompanhamento do trabalho dos responsáveis por outras CVX. Este acompanhamento compreende o modo de preparar a reunião; capacidade de observação daquilo que acontece no grupo; sensibilidade para perceber as mudanças que acontecem e as diferentes exigências das pessoas: práticas do discernimento e avaliação etc.
- c) Organização de cursos de formação, segundo as necessidades que se vão apresentando: de aprofundamento nos Exercícios, na Sagrada Escritura, na liturgia etc.

Se as CVX são um movimento leigo, é preciso preparar leigos para dirigi-lo. Este trabalho deve ser prioritário, antes de todos os outros. As razões fundamentais são:

1. É a única maneira de poder dar uma autonomia verdadeira aos leigos. Do contrário, sempre estarão dependendo dos sacerdotes.
2. A espiritualidade da CVX é inaciana, baseada nos Exercícios. Atualmente, esta espiritualidade é conhecida e praticada em suas duas vertentes, de vida religiosa masculina e feminina; conseqüentemente, são estes últimos, os religiosos, os que devem aproximar o leigo dessa espiritualidade.

- *Refletir com os leigos* e deixar-se interpelar por eles, na hora de achar o verdadeiro caminho do leigo, dentro da espiritualidade inaciana. Reconhecer que sua visão do inaciano não é a única e que o leigo, com a ajuda do Espírito de Jesus, deve ir encontrando sua forma concreta de viver essa espiritualidade no mundo.
- *Participar*, com sua palavra qualificada, na reunião do grupo. Não é um a mais; sua preparação teológica e pastoral dá um valor considerável a sua contribuição, principalmente para a compreensão dos textos da Escritura e para as aplicações à vida. Igualmente, no trabalho de discernimento da oração.
- *Relacionar e coordenar o trabalho apostólico* dentro das CVX e da pastoral de conjunto da diocese. O assistente deve estar aberto a todas as iniciativas eclesiais e às necessidades que surjam dentro da diocese ou região, para apresentá-las às CVX e para que estas sejam as que discirnam como e de que modo estas informações são apelos do Senhor aos quais é preciso responder.
- Aceitar a exigência que abre passo na vida dele, na medida em que caminha juntamente com as CVX. *Tobie Zakia* resume isso, do seguinte modo:

“A relação entre assistente e CVX é recíproca e transforma a pessoa do leigo; mas também o assistente deve aceitar ser transformado por essa relação. Isso não é fácil, já que supõe um risco”.

Isso é conseqüência de um relacionamento de comunicação de pessoa a pessoa, no qual existe respeito pelo outro, sem pretender subjugá-lo ou convertê-lo numa eterna criança. As relações pessoais nos fazem ver as coisas com maior amplitude, interrogam-nos e nos provocam a dar novas soluções. Não se trata de arrastar a ninguém: nem o assistente a uma espiritualidade leiga, nem o leigo à vida religiosa:

“Assim como nem todos os leigos são chamados a pertencer a uma CVX, também nem todos os jesuítas o são.

Os leigos devem-se sentir chamados por uma VOCAÇÃO; assim poderão realizar uma autêntica integração. Do mesmo modo, os assistentes têm que aceitar que a experiência de estar próximos a uma espiritualidade inaciana leiga é um enriquecimento para uma integração mais profunda da espiritualidade inaciana na própria experiência do religioso”.

“A ação do assistente eclesiástico deve chegar ao mundo, mas muitas vezes isso não pode ser feito de forma imediata; por isso, ele tem que procurar que seu testemunho da presença do Espírito chegue através de outras pessoas diferentes dele.”

“O assistente eclesiástico tem um lugar privilegiado nas CVX, porque é testemunha de uma comunidade local e mundial (no caso dos jesuítas, a Companhia de Jesus) e, simultaneamente, é um enviado dela. Conseqüentemente, a vida comunitária do assistente não é indiferente às CVX, já que querem aprender dele, de sua experiência, o que constitui a vida de Comunidade.”

A vivência de uma CVX não é, pois, para o assistente, um exercício acadêmico, nem consiste em ser “como sino que bate”; o assistente é uma testemunha privilegiada perante uma CVX. Ele possui sua Comunidade primeira, na qual deve viver tudo o que constitui o essencial dessa experiência comunitária; por sua convicção vital, ele tem força para todos quantos participam de sua vida. Por isso, a vida da CVX pode interpelar os assistentes para que examinem como é sua vida comunitária e como a testemunham perante os outros.

A Companhia de Jesus tem um compromisso com as CVX: de as animar e promover; atualmente, o padre geral, P. H. Kolvenbach, foi nomeado assistente eclesiástico da CVX Mundial, para marcar, de uma maneira mais clara, este compromisso. Por isso, os assistentes eclesiásticos devem estar nas CVX como representantes, estabelecendo a relação com a Companhia de Jesus e com a hierarquia.

O assistente deve ser o *impulsionador do sentido de missão* das Comunidades. Este sentido de missão é como que um teste ou medida da autenticidade inaciana da espiritualidade recebida.

Se um grupo tem um grande impulso comunitário (oração, abertura aos outros, participação em suas experiências etc.), mas não acredita no seu sentido de missão, será preciso duvidar da autenticidade inaciana de sua inspiração. Será um grupo “piedoso”, fará coisas boas... mas não será autenticamente CVX, porque lhe faltam o impulso e o sentido missionários. A Comunidade é para a missão:

a integração entre vida e evangelho, oração e vida, deve-se traduzir numa visão totalizante e unificadora da vida, de forma a não permitir rupturas: a missão deve impregnar todos os atos e momentos do dia, tanto no profissional, familiar, político, econômico etc., como quando é realizado um serviço assistencial ou se ora e se partilha na Comunidade.

O assistente deve ser, também nisto, interpelado pela Comunidade e aceitar o desafio que lhe lança o seu próprio grupo, pois ele, por sua própria entrega (ordenação ou votos religiosos...), é um homem para a missão.

Finalmente, o assistente eclesiástico deve *sentir-se contente e à vontade por partilhar com os leigos* a vivência da mesma espiritualidade.

A pertença a uma CVX é um compromisso prioritário, não um trabalho a mais, realizado como outra coisa qualquer. Somente quando a disposição interior do assistente for de sintonia total e de dedicação séria, a CVX sentirá sua ação, não como algo afastado e exterior, mas como essa "exigência fraterna e amorosa", de que falava Tobie Zakia. Será isto o que impulsionará as energias e despertará o desejo de ser mais útil àqueles a quem deseja servir. A falta disso não poderá ser compensada com nada, mesmo que sua pessoa possua uma grande preparação técnica.

6

HISTÓRIA DAS CVX

POR QUE UM CAPÍTULO DEDICADO A HISTÓRIA DAS CVX?

Muitas pessoas adultas, especialmente casais, perguntam atualmente aos jesuítas pela existência das Congregações Marianas, às quais eles pertenceram e às quais, segundo sua própria confissão, devem a solidez de sua vida cristã. Por isso, não compreendem o desaparecimento delas; contudo, acham e desejam que aquilo que para eles foi bom continue a sê-lo para os seus filhos. Em outras ocasiões, somos acusados de não manter algo que foi um excelente celeiro de vocações para a Companhia de Jesus, assim como para os seminários diocesanos e para outras ordens e congregações religiosas.

Ainda mais, aquilo que aconteceu com as Congregações Marianas, na Espanha, durante os últimos anos de sua existência, é um capítulo desta história, sobre a qual muito poucos possuem documentação completa e indispensável para poder apresentá-la. * Atualmente, é preferível lançar um olhar sobre o futuro deste movimento, que em nossa terra vai surgindo com força, como fruto do Espírito, e achar a linha autêntica que brota da contemplação de uma história mais ampla, menos traumática e mais eclesial. Ela nos impulsionará a aprofundar os nossos sinais de identidade e a nos sentir devedores

* O Brasil é um dos únicos países do mundo onde as Congregações e as CVX coexistem. Por isso, este capítulo da história é, para nós, especialmente importante. Para uma visão detalhada disto, cf. R. Albuquerque, Revisão, suplemento n. 2, publicação das CVX — Brasil (n. do T.).

de tantos quantos nos precederam; e, simultaneamente, honrados e responsáveis por continuar aquilo que eles iniciaram.

1. OS INÍCIOS

1.1. *Grupos de leigos com os primeiros jesuítas (1540-1563)*

Os companheiros de Inácio, após terem decidido formar a Companhia de Jesus, distribuem-se pela Itália, para pregar, ensinar e dar os Exercícios Espirituais. Formam uma Comunidade, um grupo de "amigos no Senhor", não se fecharam, porém, num convento: dispersam-se, enviados pelo papa em missão, mas com uma grande liberdade para poderem trabalhar, em cada lugar, nos ministérios que lá vissem como de maior urgência e necessidade. Livres também, por sua pobreza total e por sua disponibilidade absoluta, para serem transferidos de um lugar para outro. Estes homens vivem o espírito dos Exercícios de Inácio e estão convencidos de que aquilo que para eles foi uma graça de Deus, também o será para os outros. Por isso, em todas as cidades, dedicar-se-ão aos ministérios sacerdotais de pregar e ouvir confissões; e, quando encontram pessoas capazes, dão-lhes os Exercícios Espirituais.

Desse modo, vão criando, ao seu redor, grupos de pessoas que vivem a sua mesma espiritualidade, as suas mesmas esperanças apostólicas e, finalmente, desejam perpetuar aquilo que o Senhor começou neles, estabelecendo laços mais estreitos e duradouros. Assim aparecem as primeiras Congregações ou fraternidades, como fruto do mesmo processo que viveram os primeiros jesuítas.

Vamos esquematizar o nascimento de alguns destes grupos, tal como os autores o contaram em suas cartas a outros jesuítas do seu tempo.

* No ano de 1538, chegaram a Parma Pe. Pedro Fabro e Pe. Diogo Laínez. Começaram suas pregações e ensinamentos em duas igrejas, a Igreja Maior e a de São Gervásio, às quais acorriam pessoas de índoles as mais diversas. Foram dando os Exercícios Espirituais a sacerdotes, professores das escolas e todo tipo de pessoas; pouco depois, os sacerdotes davam os Exercícios aos seus paroquianos e foram tantos os "exercitantes" de ambos os sexos que alguns professores das escolas os davam aos seus alunos e "algumas mulheres tomavam por ofício irem, de casa em casa, ensinando a moças e a outras mulheres, as quais não podem sair livremente".

No ano de 1540, são chamados a Roma, para irem os dois à Espanha, e desejam que aquilo que começaram tenha continuidade;

para tanto, contam com o apoio de alguns sacerdotes e, sobretudo, com um grupo de cinco homens que vão iniciar o que se chamará "Companhia do Nome de Jesus".

Não se sabe com certeza se foi uma fundação de Pe. Fabro ou se se baseou numa associação já existente, pois, desde 1500 existia em Parma uma *Congregação da Caridade*; o que é certo é que tanto esta (cuja finalidade era erradicar a pobreza da cidade de Parma) quanto a *Congregação da Doutrina* (as duas estavam integradas ou formavam como que duas seções dentro da primeira) eram dirigidas por homens e mulheres, cuja "vocação" nasceu dos Exercícios Espirituais. Assim é afirmado pelo próprio Fabro numas RECOMENDAÇÕES que deixou escritas, no ano 1540, antes de ir embora da cidade, por desejo e petição expressa de muitas pessoas "já que, como vou embora, não ficariam contentes comigo se eu não lhes deixasse alguma lembrança, não de minha pessoa, mas da ordem que deve ser observada na vida de Deus, mesmo que não tivessem nenhum preceptor".

Essas advertências são um conjunto de disposições para "perseverar na verdadeira vida cristã e espiritual". Pe. Fabro cita o saber dos filósofos, que dizem que o melhor modo de conservar uma coisa é sustentando aquilo que lhe deu o nascimento e o ser; no nosso caso, serão, portanto, os Exercícios Espirituais: a Eucaristia e os outros exercícios, como a oração e meditação, o exame de consciência, a confissão e as obras de misericórdia. Depois, ele se detém numa explicação pormenorizada de como devem ser feitos esses Exercícios, e resume: "Amor de Deus e do próximo".

Desta Companhia do Nome de Jesus, saíram homens para a nascente Companhia de Jesus, como o primeiro mártir jesuíta, Pe. Antonio Criminal; também os padres Jerônimo Domenech, Paulo Achille etc. (*Monumenta Fabri*, Epist. 18 e 19, pp. 35-43).

* Pe. Pascásio Broet, também companheiro de santo Inácio na fundação da Companhia de Jesus, numa carta a Pe. Francisco Xavier, escrita em Faenza, no dia 1.º de março de 1545, conta a experiência de seus primeiros dias de apostolado lá:

"Nos inícios de minha chegada a Faenza, havia muitos pobres, doentes miseráveis, a quem visitar, por toda a cidade, e a quem visito cada semana, mas percebendo que não estavam preparados, nem espiritual nem corporalmente, com licença do vigário (geral) FALEI COM MUITOS HOMENS DE BEM e constituímos uma COMPANHIA, que se chama COMPANHIA DA CARIDADE, à qual dei, por escrito, em capítulos, o MODO DE VIVER na tal Companhia. O seu trabalho é visitar todos

os pobres enfermos miseráveis que existem na cidade e ajudá-los, tanto espiritual (exortando-os à confissão e comunhão) quanto corporalmente (fornecendo-lhes todas as coisas necessárias para a sua vida, durante a enfermidade e especialmente de médico e remédios)" (*Monumenta Broet*, Epist. 5, pp. 34-35).

A mesma coisa deixou estabelecida Pe. Mestre João, um português, que trabalhou em Bolonha, antes de ir a Veneza, em 1550. Lá deixou um outro grupo de pessoas, que se "comprometeram a visitar os doentes e pobres todas as semanas".

* Uma das pessoas que chegaram a ter uma intimidade muito grande com santo Inácio foi Pe. Jerônimo Nadal. Um maiorquino de excelentes qualidades, em quem Inácio confiou totalmente e a quem provou tão provocativamente que Pe. Luis Gonçalves da Câmara, em seu *Memorial*, p. 48., n. 102, chega a dizer:

"N. Padre costuma, muitas vezes, levar os súditos por esta via, quer dizer, louvando-lhes aquilo que têm de bom... e é uma coisa estranha (sic) a circunspecção que tem em tratar com qualquer pessoa que seja, contanto que não seja um NADAL ou um POLANCO; pois a estes trata sem nenhum respeito, antes *duriter* e com rigorosos *capellos* (= repreensões públicas)" (*Fontes narr.* I, p. 587).

A identidade dele com santo Inácio foi tão grande que seus contemporâneos diziam que estava feito "segundo o coração de Inácio". Foi enviado à Sicília, para iniciar e dirigir o colégio de Messina. De lá escreve a Inácio, em agosto de 1549, para dar-lhe conta de seus trabalhos apostólicos:

"Entre as pessoas devotas, juntaram-se até 60, querendo fazer uma Companhia, para a ajuda dos pobres vergonhosos e encarcerados; e solicitam-nos algum modo de se regerem bem a si mesmos e à mencionada obra pia, e vê-se que vão crescendo e confirmando-se, para glória do Senhor e edificação pública; as mulheres também tratam de imitá-los, numa outra congregação semelhante".

Não possuímos atualmente as regras que Nadal pode ter dado a essas congregações, mas todos os indícios fazem supor que as denominações dessas congregações possuíam referências marianas, como poderia ser a da Assunção, data em que se aproximaram de Nadal os primeiros 60 membros dela (*Monumenta Natalis* I, Epist. 16, p. 68).

* Nesse sentido, o próprio Inácio formava, desde 1547, em Roma, uma associação radicada na igreja dos Doze Apóstolos e que se chamou "Companhia do Santíssimo Sacramento".

* Características destes grupos foram:

- a) São estabelecidos por leigos e para leigos.
- b) Nascem como fruto imediato de uma intensificação da vida cristã, motivada pela realização dos Exercícios Espirituais de santo Inácio. São como um meio para se manter vivo aquilo que foi realizado.
- c) São eminentemente apostólicos: acorrendo a remediar os assuntos mais graves do seu meio ambiente (a pobreza, a doença, o desamparo legal, a solidão, a ignorância etc.).
- d) Os jesuítas não se sentem retidos por eles; ao cabo de um certo tempo, saem das cidades, para outros lugares, para onde são enviados pela obediência.

1.2. Os grupos do Colégio Romano: Leunis

Desde os começos, estas associações que os jesuítas estabelecem para homens adultos especializam-se de tal forma, que reúnem em seu seio os "de condição semelhante"; assim aparecem congregações de artesãos em Florença, de sacerdotes em Perugia, notários em Palermo... para atender os encarcerados... Em todos estes grupos há traços comuns: insistência nos Exercícios Espirituais, que incrementam a vida interior; simultaneamente, dá-se também uma preocupação pelas obras de caridade. Também é muito freqüente a devoção a Maria, cujas advocações se tomam como nome das instituições.

Esta forma de proceder estende-se também aos Colégios que se vão fundando; p. ex., Florença (1559) tem duas congregações: uma para os maiores e a outra para os menores.

Nesse tempo, em 1556, entra na Companhia, em Roma, recebido por santo Inácio, um jovem belga, Pe. João Leunis, que em 1563 funda, no Colégio Romano, uma Congregação para os estudantes do centro em que ele era professor de gramática. Essa congregação é colocada sob a advocação da Anunciação, por causa da devoção que lá havia ao grande quadro que existia na capela e no qual estava representada a anunciação a Maria, como parte da meditação da encarnação dos Exercícios Espirituais.

Leunis acaba de fundar aquilo que, mais tarde, iria ser a *Prima Primária*, a Congregação primeira, à qual deviam ser agregadas todas as Congregações fundadas pelos jesuítas. Por isto, Leunis foi considerado o fundador das Congregações Marianas. Diz Pe. Villaret, em sua *História das Congregações Marianas*: "As congregações para

homens, que a partir dos fins do século XVI irão se multiplicar por toda a parte, não são a adaptação a um meio mais amplo, de uma estrutura colegial; NA REALIDADE, É EXATAMENTE O CONTRÁRIO: Pe. Leunis adaptou, em 1563, aos seus estudantes, aquilo que já passara por muitas provas fora das aulas”.

* Leunis foi original nestes aspectos (L. Paulussen, S.J., *Deus trabalha assim*, pp. 16s.):

- a) Na formulação da finalidade das Congregações:
Não se trata de duas finalidades justapostas, mas de uma finalidade única: a integração da vida cristã em todos os aspectos da vida ordinária. Como diz o texto de 1582:
“A intenção principal de cada um deverá ser a união íntima da vida científica e cristã”.
- b) A responsabilidade dos leigos:
Aqueles que pertenciam aos grupos de Leunis escolhiam os líderes dos grupos, os jesuítas que os assessoravam e até o cardeal protetor.
Esta idéia reflete-se no nome que é aplicado ao jesuíta que está com esses grupos: “padre”, “prefeito”, “superior” ou inclusive “il capo” (o chefe), mas nunca nada parecido com “diretor”.
- c) Forte sentido da vida comunitária:
A palavra CONGREGATIO é escolhida por ser a palavra-chave do texto de Mt 18,20: “Ubi duo vel tres congregati sunt...”
“Onde dois ou três estiverem *reunidos* em meu nome...”
Por isso, este traço aparece já a partir do próprio preâmbulo de suas regras: “De comum acordo, nós decidimos redigir algumas regras que nos possam ajudar a integrar nossos estudos com a vida espiritual, para podermos viver plenamente em união com Deus e em paz conosco mesmos; deste modo, daremos testemunho aos outros e nos disporemos melhor para receber, da sua Divina Bondade, luz, graça e dons”.

1.3. *Datas de fundações*

1574: são redigidas as regras das Congregações Marianas do Colégio Romano. São as mais antigas que se conhecem.

1575: as regras das Congregações do Colégio de Clermont, semelhantes às do Colégio Romano (Biblioteca Nacional da França, Paris).

1584: ereção canônica da Congregação do Colégio Romano, como “mãe e cabeça” de todos os grupos semelhantes, pelo papa Gregório XIII.

1587: regras comuns a todas as Congregações Marianas, preparadas por Pe. Acquaviva. Serviram de base para a elaboração dos Princípios Gerais das CVX, por seu espírito tão surpreendentemente próximo à concepção do Concílio Vaticano II sobre o apostolado dos leigos.

1.4. *Expansão e significado das CM (1584-1773)*

— As Congregações Marianas convertem-se numa das principais formas de trabalho dos jesuítas em seus Colégios, para fomentar, mediante elas, a integração da vida interior profunda com uma generosa ação apostólica.

— Contudo, "a ação santificadora das CM foi, desde os começos e por essência, muito mais vasta, tão vasta que até parece difícil exagerar a sua importância no conjunto da obra espiritual da Companhia" (Pe. De Guibert, S.J. *La Espiritualidad de la Compañía de Jesús*, Sal Terrae, 1955, p. 211).

— Aparece a ESPECIALIZAÇÃO, de modo claro, como se vê desde as origens, como um meio de cristianização do ambiente. A partir daí surgirão certas coleções de livros dedicados à santificação dos diversos estados.

— Foram ocasião para o desenvolvimento notável de uma literatura espiritual dos jesuítas. Às vezes, não eram apenas manuais de piedade, mas obras muito extensas.

— Fruto das CM são inumeráveis vocações e santos como são João Berchmans, são Francisco de Sales, são João Eudes, santo Afonso Maria de Ligório, são João Batista de La Salle etc.

— As obras apostólicas, de caridade e beneficência social ficaram unidas inseparavelmente às CM, com toda a variedade de aspectos e situações em que poderiam se encontrar.

— Nessa época, chegaram a contar-se 2.500 grupos agregados à Prima Primária.

2. **DIMINUIÇÃO DO ESPÍRITO AUTÊNTICO (1773-1922)**

As CM nasceram e cresceram como um movimento surgido do espírito dos Exercícios Espirituais e, portanto, ligado, de uma maneira especial, à Companhia de Jesus. Esta relação era existencial, não jurídica. Por isso, a sorte que a Companhia vai correr nesse período não afeta juridicamente às CM, mas sim existencialmente. Permanecerão a casca e os vasos de um tronco, ao qual é negada a seiva que o vivifica.

Contudo, não seria justo pensar que, durante todo o período anterior, as coisas estivessem como nos primeiros anos após a fundação da Companhia.

De 1615 a 1686, a Companhia de Jesus teve um período de sua história muito conflitivo, pois sua vida se encontra associada, de maneira crescente, com o impulso intelectual da época; aparecem movimentos como o cartesianismo, o jansenismo e o newtonianismo que constituem um desafio a todos os professores e estudiosos jesuítas.

O mundo em que nascera a Companhia estava retirando-se perante uma ordem nova. Nesse período, mantém-se um espírito criativo, mas começam a aparecer os sinais da tormenta que ameaça.

O período que compreende os setenta anos seguintes (1687-1757) é uma conseqüência de todos os problemas que se iniciaram no tempo de Pe. Acquaviva: as relações com os Estados, o rápido progresso científico... Por outra parte, torna-se mais forte a pressão do jansenismo; sobretudo, o movimento mais demolidor foi, de longe, o Iluminismo... cresceu formando uma gigantesca e impetuosa enchente que chegou a arrasara a antiga ordem. Entre as vítimas mais notáveis esteve a Companhia (W. V. Bangert, S.J., *História de la Compañia de Jesús*, Sal Terrae 1981, pp. 335s.). "Os jesuítas tinham perdido a iniciativa, que fora o distintivo de sua história anterior; em muitas frentes, lutavam à defensiva. Era urgente a necessidade de profundos e perspicazes pensadores que pudessem discernir, por trás da hostilidade dos *philosophos*, uma procura dos valores positivos de liberdade e tolerância, e o impulso para um ideal de justiça, verdade e dignidade humanas, ideal que, no decurso do tempo, contribuiria para a reforma da Igreja. Contudo, não apareceu nenhum teólogo da estatura de Belarmino, Suárez, Vázquez ou Petau; ao contrário, chegou a época dos epígonos ou imitadores das escolas anteriores" (idem, *ibidem*, I, p. 438).

2.1. A supressão da Companhia de Jesus

21 de JULHO de 1773: Clemente XIV assina o breve mediante o qual a Companhia de Jesus ficava extinta. A partir desse momento, suas obras apostólicas, suas casas etc... passaram a outras mãos. Os jesuítas deixaram de sê-lo; os sacerdotes seriam diocesanos; os não-sacerdotes, leigos. Dos 22.500 jesuítas, 20.000 deixaram de sê-lo. Somente os jesuítas da Rússia Branca permanecerão como tais, devido à negativa de Catarina II para dar publicidade ao decreto do papa, condição necessária para torná-lo efetivo.

14 de NOVEMBRO de 1773: O papa autoriza a existência das Congregações Marianas, sem a assistência dos jesuítas. "De serem um trabalho jesuítico privilegiado, as CM passaram a ser, de repente, um dos trabalhos normais da Igreja universal... todos os bispos podiam estabelecer as CM, em qualquer parte do mundo" (L. Paulussen, op. cit., p. 25).

2.2. Situação neste período

A partir dos dados precedentes, não é difícil concluir que as CM se viram castigadas pelas mesmas dificuldades que abalaram a Companhia. Por uma parte, os problemas que se apresentaram na sociedade na qual lhes coubera viver as afetaram mais diretamente do que a ninguém. A sua finalidade era integrar vida cristã e vida cotidiana, fé e cultura. Este dilema foi precisamente o motivo de todas as grandes convulsões que ameaçavam o mundo naquele momento.

"Foi um estágio a mais no difícil movimento de deixar atrás o mundo medieval e dirigir-se para uma era nova e diversa. Alguns dos mestres espirituais do Iluminismo, atentos à estrela-guia da dignidade humana e da liberdade, e críticos para com o atraso eclesiástico, foram os protagonistas no progresso, mediante o qual a sociedade civil, na sua procura de maturidade, foi largando as formas da Idade Média e se dirigiu para um esclarecimento de seus próprios valores internos. A César davam-se as coisas de César. Mas comprometeram este excelente objetivo, pois negaram a Deus as coisas de Deus" (Bangert, op. cit., p. 442).

Em segundo lugar, é preciso valorizar a força e a presença dos jesuítas nas CM. Eles foram seus iniciadores e seus mais decididos impulsionadores. Não custa muito acreditar que as CM participaram da mesma sorte que a Companhia e foram incapazes de encontrar o verdadeiro caminho que a seus membros, enquanto leigos, lhes correspondia na sociedade em que lhes coubera um papel tão decisivo.

Conseqüentemente, ao julgar sobre aquele momento histórico das CM, não se pode levar apenas em conta a situação de desamparo em que ficaram após a supressão da Companhia, tendo que valer-se de outros meios que não os da própria instituição. É preciso acrescentar que, já os últimos anos de sua existência, durante este período, foram caóticos, pela dificuldade de ver e discernir a saída para os problemas novos, pela falta de diretores que ajudassem os congregados a fazer esse discernimento, pela confusão e ambigüidade que dominavam a maioria dos jesuítas, e pela atitude defensiva que estes assumiram, sem a criatividade e o impulso dos anos anteriores.

As CM conseguiram alguns resultados, mas de forma esporádica: a maioria delas passaram a ser associações piedosas que fizeram muito bem às pessoas que nelas viveram, mas que perderam aquilo que era mais característico delas.

3. REAÇÃO DOS JESUITAS (1922-1948)

A restauração da Companhia de Jesus, em 1814, por Pio VII, foi o fruto de uma intensa reação, que se produzira por toda parte, devido à rapidíssima mudança da situação política. Passado o influxo das cortes borbônicas, ameaçadas de morte, tão virulentamente ou mais do que o fora a Companhia, e perante as conseqüências que se deixaram sentir por toda a parte com a ausência dos jesuítas, ficou patente o quanto, apesar das dificuldades anteriores, o espírito inaciano influiu na construção da Europa, durante os duzentos anos de sua vigência, através de suas associações, colégios, obras apostólicas etc.

“A respeito da força intrínseca do ideal da Companhia, os anos da supressão e da restauração lançaram uma luz reveladora. Aqueles anos demonstraram com quanta profundidade esse ideal fizera parte da história da Europa — e do mundo —, pois sobreviveu e achou expressão, em diversos graus de fidelidade ao original, em numerosas instituições. Continuava a ser uma força” (Bangert, p. 521).

Contudo, o século XIX não foi nada fácil para os jesuítas; por isso, as CM continuaram sua trajetória crescente, por toda a parte: umas nascidas de novo, impulsionadas pelos jesuítas; outras, em paróquias ou centros docentes, dirigidos por outros religiosos.

3.1. O Secretariado Central (Roma): 1922

Pe. Ledochowski, geral dos jesuítas, reuniu em Roma todos os que trabalhavam nas CM. Ao seu apelo, acorreram 40 jesuítas de 19 países. Seu objetivo principal: construir um Secretariado Internacional que promovesse a existência de CM, que lhes desse uma inspiração e que servisse para a criação de Federações Nacionais, como fruto do impulso universal de todo grupo cristão para partilhar sua existência com aqueles que se encontravam perto dele.

Encarregou-se do Secretariado Pe. Emile Villaret, autor da história das CM: *Les Congregations mariales I*, Paris, 1947.

Uma das primeiras exigências a ser satisfeitas foi a de contar com um documento pontifício sobre as CM, que lhes devolvesse seu caráter autêntico.

3.2. A constituição *Bis saeculari*: 1948

Em 1948, existiam no mundo cerca de 80.000 grupos ou centros agregados à Prima Primária; isso quer dizer que o número de pessoas deveria ser multiplicado por 50 ou mais. Deste número, uma grande maioria eram mulheres e apenas 5% dos grupos estavam constituídos em torno a obras apostólicas dos jesuítas; o resto encontrava-se sob a jurisdição dos bispos, através de paróquias urbanas ou rurais. Conseqüentemente, os problemas que premiam o novo Secretariado derivavam tanto do caráter dos líderes espirituais, quanto dos leigos:

- Carisma inaciano conhecido e vivido?
- Capacidade de transmissão?
- Sentido da missão?
- Responsabilidade laical?
- Sobretudo, a jurisdição: como e de quem dependiam?

Em 1939, é elevado ao pontificado Pio XII, que conhecia a estrutura e forma de ser das CM e era amigo pessoal de Pe. Villaret. Durante o seu pontificado, falará repetidas vezes das CM; sobretudo, porém, na constituição apostólica *Bis saeculari*, que definiu a identidade autêntica das CM e significou um apelo em profundidade, com uma nova concepção do apostolado leigo. Deve-se levar em conta que Pio XI dera forma oficial à Ação Católica e pensava-se que todo o apostolado leigo deveria estar, de algum modo, centralizado pelo movimento oficial da Igreja.

Pio XII afirmava em seu documento que as CM eram “uma forma especial e eminente de Ação Católica”; assim abriu o caminho para uma evolução nova e pluriforme do apostolado dos leigos. Simultaneamente, torna a insistir na prioridade absoluta dos Exercícios Espirituais, como fonte de vida para as CM, e as convida a uma contínua renovação.

4. DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS ÀS COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ

1950: Pe. Janssens, novo geral da Companhia, reuniu em Roma, por meio do Secretariado Central, 71 jesuítas que representavam 40 nações. Seu objetivo era responder à questão:

“O que devemos fazer para responder à constituição apostólica *Bis saeculari*?”

A dificuldade mais forte com que se defrontaram foi a fidelidade às regras das CM, publicadas em 1910.

Por outra parte, surgem novas interrogações:

“É possível um movimento de leigos sem leigos?

Podem os jesuítas, sozinhos, representar um movimento de leigos?

O que pensam os leigos da *Bis saeculari*?

Como sentem que ela os atinge?

1951: Nomeado Secretário das CM, Pe. Louis Paulussen.

— Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos:

As CM não assistem, porque não têm nenhum órgão de âmbito mundial que as represente. Isto faz sentir a urgência de promover uma Federação Mundial, que reúna e canalize todas as atividades das Delegações Nacionais.

A idéia devia ainda amadurecer, até Barcelona.

1952: Congresso Eucarístico de Barcelona.

Reunião dos delegados de diversos países, na Congregação de Pe. Vergés, com uma maioria de universitários desta Congregação. Sua conclusão:

- Preparação de Estatutos da Federação, logo que for possível.

1953: apresentação a Pio XII do Projeto de Estatutos da Federação Mundial.

Aprovação no dia 2 de julho.

1954: Primeira Assembléia Mundial: Roma.

Primeira Reunião do Conselho Geral.

Na Universidade Gregoriana, sucessora do Colégio Romano, é eleito o Conselho Executivo dos Delegados.

Independência e autonomia em relação ao Secretariado S.J.

1959: Newark: Segunda Reunião do Conselho Geral.

Projetos de renovação séria e rápida.

Trabalho em 70 grupos de 5 línguas diferentes.

Encargo ao Secretariado de Roma: Novas Regras Comuns.

- As vigentes eram de 1910.
- Juridicamente somente poderia dá-las o padre geral S.J.
- Pe. Janssens reconhece a autoridade da Federação Mundial.
- O primeiro rascunho é enviado a todas as Federações.
- Inicia-se um período de consultas e troca de experiências, sugestões etc.

1964: Bombaim: Assembléia Geral.

- Concluídos os Princípios Gerais.
- Convocado o Concílio Vaticano II: período de espera, antes de apresentá-los à aprovação do papa.
- Melhoras na redação e divisão em preâmbulo e três partes.

1967: Roma: III Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos.

- Última redação dos Princípios Gerais, feita por uma delegação de cada nação, com o Conselho Executivo.
- Apresentação e discussão de emendas na Assembléia Geral: 140 delegados de 38 nações.

Princípios Gerais novos.

Novos Estatutos.

Novo nome para o movimento: CVX (CLC no inglês).

Novas normas jurídicas e autonomia da Federação Mundial.

1969: 25 de março: Festa da Anunciação e Encarnação.

Aprovação, *ad experimentum*, por Paulo VI.

1971: 31 de março: aprovação definitiva.

Pe. Louis Paulussen, ao escrever a obra que temos seguido para a redação deste capítulo, intitula-a: DEUS TRABALHA ASSIM. Ele fez seu trabalho e continua a fazê-lo do mesmo modo: chamando homens e mulheres para serem seus colaboradores, suas mãos, seus ouvidos, seus olhos, seu coração neste mundo; para prolongarem a força salvífica da encarnação através do tempo. Esperamos que as CVX sejam fiéis, ao “considerar como Deus trabalha e age por minha causa em todas as coisas criadas” [EE 236], “para que eu, reconhecendo tantos bens recebidos, possa em tudo amar e servir a Sua Divina Majestade” [EE 233].

- As vigentes eram de 1910.
- Juridicamente somente poderia dá-las o padre geral S.J.
- Pe. Janssens reconhece a autoridade da Federação Mundial.
- O primeiro rascunho é enviado a todas as Federações.
- Inicia-se um período de consultas e troca de experiências, sugestões etc.

1964: Bombaim: Assembléia Geral.

- Concluídos os Princípios Gerais.
- Convocado o Concílio Vaticano II: período de espera, antes de apresentá-los à aprovação do papa.
- Melhoras na redação e divisão em preâmbulo e três partes.

1967: Roma: III Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos.

- Última redação dos Princípios Gerais, feita por uma delegação de cada nação, com o Conselho Executivo.
- Apresentação e discussão de emendas na Assembléia Geral: 140 delegados de 38 nações.

Princípios Gerais novos.

Novos Estatutos.

Novo nome para o movimento: CVX (CLC no inglês).

Novas normas jurídicas e autonomia da Federação Mundial.

1969: 25 de março: Festa da Anunciação e Encarnação.

Aprovação, *ad experimentum*, por Paulo VI.

1971: 31 de março: aprovação definitiva.

Pe. Louis Paulussen, ao escrever a obra que temos seguido para a redação deste capítulo, intitula-a: DEUS TRABALHA ASSIM. Ele fez seu trabalho e continua a fazê-lo do mesmo modo: chamando homens e mulheres para serem seus colaboradores, suas mãos, seus ouvidos, seus olhos, seu coração neste mundo; para prolongarem a força salvífica da encarnação através do tempo. Esperamos que as CVX sejam fiéis, ao "considerar como Deus trabalha e age por minha causa em todas as coisas criadas" [EE 236], "para que eu, reconhecendo tantos bens recebidos, possa em tudo amar e servir a Sua Divina Majestade" [EE 233].

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE EDIÇÕES LOYOLA
RUA 1822 N.º 347 — TELEFONE: 914-1922 — SÃO PAULO

O livrinho de Ceferino García, S.J. *Comunidades de Vida Cristã (CVX). Espiritualidade inaciana para leigos* constitui como que um manual não-oficial para assessores de CVX e para seus membros em geral. Vem preencher uma lacuna importante das CVX do Brasil.

As Comunidades de Vida Cristã oferecem um instrumento extremamente válido para a formação, na espiritualidade inaciana, de cristãos comprometidos com sua fé e com a evangelização de seu mundo. Entretanto, muitos jesuítas e outras pessoas que foram formadas nessa espiritualidade e desejam aplicá-la no seu trabalho pastoral com grupos de leigos sentem-se paralisados pela falta de experiência e informação acerca do método da CVX: como iniciar e orientar uma Comunidade de Vida Cristã?

O autor responde exatamente a esta preocupação. A partir de sua rica experiência, de maneira sintética, com senso prático e sensibilidade para com a dinâmica do aprofundamento pessoal e grupal no Espírito de Cristo, ele fornece inestimáveis orientações sobre a natureza das Comunidades de Vida Cristã, as etapas de crescimento de um grupo, as dimensões fundamentais de sua espiritualidade, a maneira de realizar as reuniões etc.

Evidentemente, cada grupo terá sua própria história. As indicações deste livrinho não pretendem ser usadas como receitas uniformes, nem dispensam o discernimento e a criatividade do assessor e dos membros do grupo diante das situações concretas. Elas devem ser, aliás, complementadas por uma introdução progressiva no caminho espiritual através dos Exercícios e outros elementos da espiritualidade inaciana, bem como, conforme as necessidades, por orientações sobre a dinâmica de grupos, por um estudo eventual ou sistemático de temas bíblicos, teológicos ou morais e por análises da realidade social, à luz dos critérios evangélicos.

Em todo caso, o essencial, o que se precisa saber e fazer para pertencer à CVX, encontra-se nesta obra e muito bem apresentado. Ela representa, assim, na sua modéstia, um poderoso apoio para o desenvolvimento das Comunidades de Vida Cristã entre nós.

O EDITOR